PSICOLOGIA, EXPERIÊNCIA E ESCOLA

Impressões sobre intervenções no Alto Vale do Rio Negro

Rafael Christofoletti (Org.)

Universidade do Contestado
Rio Negrinho

Editora UnC

ORGANIZAÇÃO
Rafael Christofoletti

PSICOLOGIA, EXPERIÊNCIA E ESCOLA:
IMPRESSÕES SOBRE UMA INTERVENÇÃO NO ALTO VALE DO RIO NEGRO

Editora UnC

2019

UNIVERSIDADE DO CONTESTADO – UnC

SOLANGE SALETE SPRANDEL DA SILVA
Reitora

MARILENE TEREZINHA STROCKA
Pró-Reitora de Ensino

GABRIEL BONETTO BAMPI
Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão

LUCIANO BENDLIN
Pró-Reitor de Administração e Planejamento

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO CONTESTADO – FUnC

ISMAEL CARVALHO
Presidente

ORGANIZAÇÃO
Rafael Christofoletti

EDITORAÇÃO
Gabriela Bueno
Josiane Liebl Miranda

PSICOLOGIA, EXPERIÊNCIA E ESCOLA:
IMPRESSÕES SOBRE UMA INTERVENÇÃO NO ALTO VALE DO RIO NEGRO

ORGANIZAÇÃO

Rafael Christofoletti

EDITORAÇÃO

Gabriela Bueno

Josiane Liebl Miranda

Catalogação na fonte – Biblioteca Universitária Universidade do Contestado (UnC)

370.15
P676

Psicologia, experiência e escola : impressões sobre uma intervenção no Alto Vale do Rio Negro : [recurso eletrônico] / Rafael Christofoletti, organizador. – Mafra, SC : Editora UnC, 2019.

108 f.
Inclui bibliografias

ISBN: 978-85-63671-86-8

1. Psicologia escolar. 2. Orientação educacional. 3. Disciplina escolar. I. Christofoletti, Rafael. II. Universidade do Contestado (UnC).

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-63671-86-8
9 788563 671868

Editora UnC

AGRADECIMENTOS

“Psicologia, experiência e escola: impressões sobre uma intervenção no Alto Vale do Rio Negro” se constituiu a partir de duas disciplinas curriculares do curso de Psicologia da Universidade do Contestado (UnC) campus de Rio Negrinho. A materialização desse projeto que envolveu a articulação ensino, pesquisa e extensão em forma de livro só foi possível devido à contribuição de diversos parceiros. Por isso, agradecemos imensamente cada um deles.

Aos alunos da 1ª turma (“quase formanda”) do curso de Psicologia da UnC de Rio Negrinho (SC) pela disponibilidade e envolvimento com a ideia do livro.

Á professora Ms. Santa Cecília Marques Herzog, coordenadora do curso de psicologia da UnC Rio Negrinho, pelo apoio irrestrito e presença em diversos momentos da execução do projeto.

Ao professor Robson Hugo Henning, diretor do campus da UnC de Rio Negrinho, pela disponibilidade em relação ao projeto e ajuda no que se refere à publicação do livro.

Ao técnico de informática Telles Karone por auxiliar na organização e distribuição dos textos para análise posterior.

À UnC pela ajuda na formatação e pela possibilidade de publicação via E-book.

PREFÁCIO

Caro leitor, esperamos que ao ler esta obra você possa entender mais sobre o universo da Psicologia escolar e seus desafios diários da profissão. Com o intuito de proporcionar reflexão acerca dos problemas que o setor da Educação enfrenta é que este livro foi elaborado. Com um propósito de obra coletiva, este livro foi elaborado para a disciplina de Psicologia Escolar, pelo professor Dr. Rafael Christofoletti, que lecionou a disciplina: Ênfase Assessoria Escolar, com o intuito de proporcionar aos alunos não somente conhecimentos teóricos como também práticos, escolhendo as escolas públicas do Alto Vale do Rio Negro, como o ambiente adequado para a realização das atividades e possíveis intervenções. Para a realização das atividades dentro da escola, além da participação do professor Rafael Christofoletti houve também a participação da professora coordenadora do curso de Psicologia Me. Santa Cecília Marques Herzog, a fim de que as atividades pudessem ser realizadas dentro da escola, com a qualidade e profissionalismo necessário para atingir o objetivo das ações propostas pelos alunos.

Para que houvesse uma construção holística de pensamento foi realizado uma divisão em pequenos grupos, sendo que cada um optou por um assunto correlato à disciplina. Dentre eles se destacam: automutilação, evasão, falta de motivação, professores desmotivados, ausência da participação dos pais na escola, entre outros, que serão relatados mais a seguir.

O livro divide-se em 2 partes, sendo a primeira parte a Auto-mutilação, suicídio e o jogo da baleia azul, distribuída nos seguintes artigos: Encontros da escola com a Psicologia: discussões a partir de uma entrevista com uma professora (Bruna Volpi); Intervenção Escolar: conhecendo a escola através do discurso docente (Magda Linzmeyer); Educadores para a vida, educação na adolescência (Rafaele Simões da Maia Schukosky); Educação menor e sua importância no contexto escolar (Susana de Souza); Intervenção Escolar: a necessidade de uma ação coletiva para melhor desenvolver a aprendizagem (Débora Cristina Olinek); Suicídio, Automutilação e Baleia Azul: análise da Intervenção Escolar (Débora Yasmini Miranda Lopes); “O problema é meu... É nosso!”: o relato de uma professora (Elisa Aparecida Hacke Ramos); Perigos na Adolescência (Rodinei Peres de Lima); Relato de intervenção: a psicologia ampliando suas atividades no âmbito escolar (Elivelton Ogliari).

A segunda parte escolhida foi a Motivação, que se distribui em: Experiência e Ressonâncias de uma intervenção em escola pública (Michele Fabiane Felipe Maia); Intervenção psicológica no meio escolar: motivação e visões sobre os problemas na educação (Alexandra Destri Bacic); Pensando a realidade de uma escola pública (Jessica Borges Caikoski).

A partir das entrevistas e dinâmicas realizadas dentro da escola, pode-se notar, por meio dos relatos dos alunos, professores e diretores, as percepções acerca dos problemas existentes na escola, como também as impossibilidades de ação diante de um sistema falho governamental, falta de verba e investimento na qualidade e estrutura educacional, o que faz com que os problemas fiquem cada vez mais evidentes, resolvendo os que consideram serem possíveis de imediato, tendo o profissional de Psicologia essa função.

Os subscritores deste prefácio, organizadores desta obra coletiva agradecem e também vem por meio desta, abordar as questões para serem refletidas a respeito dos desafios que um profissional de Psicologia Escolar pode enfrentar, principalmente quando o ambiente escolhido é a escola pública, onde além de problemas internos como desmotivação de professores, evasão escolar, problemas de comportamento, dificuldades de aprendizagem, bullyng, desmotivação dos professores e alunos, há também os externos, que afetam diretamente na qualidade de ensino e no comportamento dos alunos para com os seus colegas, professores e demais profissionais pertencentes a área escolar.

Além da reflexão, também teria o intuito de auxiliar os profissionais da área a inserirem atividades pontuais e objetivas, a fim de que os problemas possam ser trabalhados dentro deste local e obter resultados positivos, mostrando que a Psicologia escolar pode ser um grande colaborador deste sistema educacional, que hoje se encontra tão falho, mas que tem muitas potencialidades para se tornar um ambiente funcional, em que um ensino se mostra de qualidade. Esta obra seria somente o primeiro passo, para muitas que poderiam vir a ocorrer futuramente.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **8**
PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E ESCOLA: FRAGMENTOS DE EXPERIÊNCIA E ALTERIDADE **10**
PARTE I – AUTO-MUTILAÇÃO, SUICÍDIO E O JOGO DA BALEIA AZUL **20**
ENCONTROS DA ESCOLA COM A PSICOLOGIA: DISCUSSÕES A PARTIR DE UMA ENTREVISTA COM UMA PROFESSORA 21
INTERVENÇÃO ESCOLAR: CONHECENDO A ESCOLA ATRAVÉS DO DISCURSO DOCENTE 29
EDUCADORES PARA A VIDA, EDUCAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA 34
EDUCAÇÃO MENOR E SUA IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR 42
INTERVENÇÃO ESCOLAR: A NECESSIDADE DE UMA AÇÃO COLETIVA PARA MELHOR DESENVOLVER A APRENDIZAGEM 50
SUICÍDIO, AUTOMUTILAÇÃO E BALEIA AZUL: ANÁLISE DA INTERVENÇÃO ESCOLAR 55
“O PROBLEMA É MEU... É NOSSO!”: O RELATO DE UMA PROFESSORA 61
PERIGOS NA ADOLESCÊNCIA 66
RELATO DA INTERVENÇÃO: A PSICOLOGIA AMPLIANDO SUAS ATIVIDADES NO ÂMBITO ESCOLAR 75
PARTE II – MOTIVAÇÃO **80**
EXPERIÊNCIA E RESSONÂNCIAS DE UMA INTERVENÇÃO EM ESCOLA PÚBLICA 81
INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA NO MEIO ESCOLAR: MOTIVAÇÃO E VISÕES SOBRE OS PROBLEMAS NA EDUCAÇÃO 92
PENSANDO A REALIDADE DE UMA ESCOLA PÚBLICA 100

APRESENTAÇÃO

“Psicologia, experiência e escola: impressões sobre uma intervenção no Alto Vale do Rio Negro” é resultado de uma construção coletiva entre professor e alunos do curso de Psicologia da Universidade do Contestado (UnC) do campus de Rio Negrinho (SC) a partir de discussões e problematizações realizadas junto às disciplinas de “Assessoria Escolar” e “Psicologia Escolar”.

Por ocasião da disciplina “Assessoria Escolar” - ministrada no primeiro semestre do ano de 2017 para a então turma da quinta fase do curso de Psicologia UnC Rio Negrinho[1] - foi proposto a realização de uma atividade de intervenção junto à escolas públicas do Alto Vale do Rio Negro[2]. Em um primeiro momento, foram recolhidos temas junto a cinco escolas públicas dos municípios da região. Tais demandas versaram sobre dois temas: (1) Auto-mutilação, suicídio e o jogo da baleia azul; e (2) motivação. O público alvo foi cerca de 300 crianças e adolescentes. Os acadêmicos de psicologia, então, se organizaram em grupos, elaboraram e desenvolveram diversas intervenções como apresentações, rodas de conversa, dinâmicas, entre outras atividades. As intervenções contaram com as presenças do professor responsável pela disciplina (Dr. Rafael Christofoletti) e da professora coordenadora do curso de Psicologia (Ms. Santa Cecília Marques Herzog).

No semestre seguinte foi proposto – pela disciplina de “Psicologia Escolar” - uma atividade de pesquisa junto às mesmas escolas onde foram desenvolvidas as intervenções. A perspectiva inicial era avaliar os impactos das intervenções realizadas por meio de entrevistas a professores, especialistas, coordenadores e diretores, mas acabou se ampliando de maneira a abranger outros aspectos do cotidiano escolar.

Importante destacar o caráter coletivo dessa pesquisa. As questões para as entrevistas foram construídas horizontalmente. Inicialmente cada grupo elaborou suas próprias perguntas. No segundo momento, o professor sistematizou-as apresentando-as à sala para que então pudessem “bater o martelo” nas que seriam utilizadas.

[1]Primeira turma do curso de Psicologia da Universidade do Contestado (UnC) do campus de Rio Negrinho iniciado no ano de 2015.
[2]Microrregião do Planalto Norte Catarinense que comporta os municípios de Rio Negrinho, São Bento do Sul e Campo Alegre.

A partir disso, cada aluno realizou uma entrevista com um profissional de educação da escola onde desenvolveu atividade no semestre anterior e produziu um texto que serviu de avaliação para a disciplina. Com a ajuda do técnico de informática da universidade, os textos foram recolhidos, numerados e posteriormente escolhidos. Aos acadêmicos que não tiveram seus textos escolhidos foi feito um convite a uma escrita coletiva.

O presente livro está dividido em 13 textos. O primeiro trata-se do capítulo coletivo supracitado. Os demais se encontram divididos em duas partes. A primeira parte apresenta textos produzidos a partir de intervenções relacionadas à temática "Auto-mutilação, suicídio e baleia azul", enquanto a segunda parte faz referência à questão da "Motivação".

O presente livro como o próprio nome diz traz impressões/experiências sobre intervenções por parte de acadêmicos do curso de psicologia de Rio Negrinho e é fruto de um processo de coletivo de pensar questões candentes de escolas públicas do Alto Vale do Rio Negro (SC).

Boa leitura.

Rafael Christofoletti

PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E ESCOLA: FRAGMENTOS DE EXPERIÊNCIA E ALTERIDADE

Rafael Christofoletti
Ana Paula Hacke
Eleonice Odia
Tais da Silva Souza
Victor Hugo Ferraz dos Santos

> Escrevemos o 'Anti-Édipo' a dois. Como cada um de nós já era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuímos hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundo e dizer que o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 11).

Deleuze e Guattari, em "Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia", iniciam sua escrita chamando a atenção para o fato de que um livro não tem nem sujeito nem objeto, mas é constituído por matérias (com datas e velocidades diferentes) e a exterioridade de suas correlações.

O presente capítulo se apresenta como uma construção coletiva. Uma construção coletiva que não se iniciou com essa escrita, mas a partir de experiências em algumas escolas públicas dos municípios de Rio Negrinho, São Bento do Sul e Campo Alegre. Como mencionado na apresentação da publicação, no primeiro e segundo semestres do ano de 2007, realizamos atividades de pesquisa e intervenção nessas escolas. Em um primeiro momento, foram realizadas intervenções acerca das temáticas da automutilação, suicídio e baleia azul e motivação como atividade não presencial da disciplina de Assessoria Escola. Num segundo momento — segundo semestre —, foram realizadas entrevistas com professores e diretores das mesmas escolas como atividade não presencial da disciplina de Psicologia Escolar.

Definitivamente, este não é um capítulo tradicional, mas sim uma tentativa de escrita a dez mãos. Esse é o grande desafio desse texto. Como, então, escrever um texto a dez mãos que respeite a singularidade e a alteridade?

O texto “Fragmentos de experiencia y alteridad” de Skliar (2009) nos ofereceu interessantes pistas para que pudéssemos pensar em uma saída: trabalhar com fragmentos. Para o autor, talvez a única forma de trabalhar com a questão da alteridade em um texto seja a partir de fragmentos, pois isso se faz impossível a partir de um formato de texto tradicional.

Pensamos que talvez a única maneira de produzir um texto coletivo que de fato respeite a diferença, singularidade, alteridade seja a partir de, como diz Skliar, fragmentos.

> Tal vez escribir sobre la alteridade no sea otra cosa que sumergir-se en ella, em nuestra propia alteridade y, por lo tanto, el resultado no sea sino fragmentos, esquirlas, retazos, jirones, sensaciones y pensamientos interrumpidos por la presencia de los otros, conocidos y desconocidos, balbucios dictados quién sabe desde qué lugar de la experiencia y desde qué rostro de la alteridad (SKLIAR, 2009, p. 143).

Por isso, esse capítulo não apresenta um início, meio e fim, mas fragmentos. Fragmentos que por vezes se intercalam, se inter-relacionam, se conversam, se atravessam e, em alguns momentos, se encontram isolados, perdidos, estilhaçados... Fragmentos que não estão dispostos linearmente e que podem ser lidos do início ao fim, ou do fim ao começo, ou do meio para o fim ou para o começo.

*

Desmistificar, tirar os estigmas, está um pouco longe da abolição, mas não impossível da realidade escolar. Notei que seria importante aos profissionais de educação mais informações, não apenas a respeito da automutilação, mas também sobre a questão de gênero, pois, no dia da intervenção, notamos grande número de meninos e meninas em processo de descoberta de sua sexualidade, e os professores acabam não sabendo como lidar com certas situações de constrangimento, preconceito e *bullying*.

*

As escolas, de um modo geral, regulam o comportamento dos alunos por meio de regras que foram construídas pelos adultos, dando pouco ou até nenhuma atenção às relações que permeiam os alunos.

*

O *bullying* pode ser realizado pela forma física ou psicológica. Esta é a que mais se tem hoje em dia, pois é a forma mais fácil de se atingir alguém, com palavras. O que temos hoje é o despreparo dos pais e da equipe escolar ao lidar, perceber, e até mesmo evitar que ocorra essa situação, e, embora muitos assim o categorizem, o *bullying* não é uma simples fase, que “logo irá passar”... As crianças e adolescentes que estão sofrendo com essa ocorrência como ficam? Também é apenas uma fase que elas são obrigadas a aturar? É necessário estudar mais sobre o assunto, é necessário que os pais, a escola e o ambiente estejam dispostos a observar e entender essas crianças, suas mudanças de comportamento tanto para quem pratica quanto para quem sofre *bullying*.

*

Em qualquer profissão, é necessário ter afeto pelo que se faz, e a profissão de professor necessita demasiadamente dessa afeição, ter boas relações com alunos e equipe pedagógica, pois muitas crianças e adolescentes olham seus professores como uma referência, quando essa relação de afetividade acontece de maneira correta. Muitas vezes, essa relação não ocorre pelos conflitos de sentimentos na vida do professor, que não podem perder o foco, e isso acaba enfraquecendo o processo de ensino e aprendizagem. É preciso analisar o que está comprometendo e dificultando o trabalho do docente, e é aí que a psicologia escolar pode agir.

*

É curioso perceber a diferença de recursos de algumas escolas públicas provenientes de região agrícola com nível de renda mais baixo das que se localizam no centro do município. O poder público deveria se atentar a essas peculiaridades como, por exemplo, o acesso à internet.

*

No início, os alunos estavam tímidos e pouco interessados na prática, porém curiosos pela atividade. No decorrer da palestra, com a exposição dos objetivos e a consecução do exercício, os alunos refletiram acerca da aprendizagem na escola. A devolutiva de professores e diretores sobre a atividade apontou para um fortalecimento dos vínculos colaborativos e uma mudança nas suas relações em sala de aula.

*

Em continuidade à prática, foi realizada a entrevista. Professores, diretor e especialista expuseram a necessidade de mais intervenções com os alunos, sobretudo no que se refere à questão do aprender. Também apontaram a importância de ações junto ao próprio corpo docente, em relação ao conhecimento de práticas didáticas com crianças com alguma deficiência intelectual, física, ou mesmo com transtornos de personalidade.

*

A intervenção dos acadêmicos da área de psicologia no ambiente escolar favoreceu a quebra do paradigma quanto à atuação tradicional do profissional da psicologia focada no consultório. Deve-se ter em perspectiva a questão do social, das relações dentro da escola, o coletivo. É importante ao psicólogo estar junto com a equipe escolar e não apenas ter uma ação classificatória. Se for o caso, pensar, junto com os professores, em novas possibilidades de práticas dentro da escola.

Para nós, acadêmicos, a experiência, a intervenção na escola trouxe uma oportunidade efetiva de aprender com a própria prática.

*

Pero acaso: Hace falta um discurso sobre la locura para uma relacion pedagógica com los “locos”? Es inprescindible saber sobre la sordera para uma relación pedagógica com los “sordos”? Se vuelve um prerrequisito um dispositivo técnico sobre la deficiência mental para una relacion pedagógica com los “deficientes mentales”? No podríamos tener uma relacion pedagógica con la infância sino sabemos, primero, “todo” lo que hay “saber” sobre ella? He aqui la questión! (SKILIAR, 2009, p. 146).

*

Muitas vezes, a visão questionadora de um aluno é marcada como algo dispensável ou até mesmo negativo para o ensino, não somente nas instituições da minha região, mas também em todo o nosso sistema educacional vigente. Há uma espécie de padrão discriminatório e rígido que rotula crianças e/ou adolescentes como "rebeldes" ou doentes. Parece-me um massacre à individualidade e subjetividade do estudante.

*

Tudo em nós cria, torce, corta, processa e produz, nosso corpo é uma usina", assim Deleuze e Guattari definem o ser humano em *O Anti-Édipo*

*

Se o desejo produz, ele produz real. Se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade, e de realidade. O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real decorre disso, é o resultado das sínteses passivas do desejo como autoprodução do inconsciente. Nada falta ao desejo, não lhe falta o seu

objeto. É o sujeito sobretudo, que falta ao desejo, ou é ao desejo que falta sujeito fixo; só há sujeito fixo pela repressão (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 43).

*

Palavras estas que, quando atuam no sujeito, em sua subjetividade, podem influir diretamente sobre seu desejo, castrando, punindo, podando, tentando matá-lo ou rearranjá-lo, e este desejo, por sua vez, cria, produz realidade e novos arranjos: "desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto" (DELEUZE, Abecedário, 1996, transcrito). Querer uma coisa, desejar alguém, procurar algo não é ser atraído por algo exterior a si com uma promessa de satisfação básica, parada; é ser empurrado por você mesmo, mover-se pela realidade, mesmo que abstrata — a realidade não precisaria ser objetiva —, sem saber motivos ou diretrizes, afinal, tentando definir o desejo é que acabamos com ele.

*

A atual situação do país se baseia em intolerância e rotulações em e de massas. Perfis fascistas ganham cada vez mais apoio, assim como a medicalização e patologização (ambos os processos estão interligados). Obviamente a escola não está fora desse processo, onde frequentemente observamos situações de intolerância (sexualidade, religião, econômica, etc.) e a problematização do estudante, entorpecendo-o para que se adeque à instituição.

*

Estamos em um período de "criação de loucos", em que todos que não "marcharem" conforme o ditado serão excluídos ou forçados a "entrar em formação" (me referindo à medicalização exagerada); o sistema se livra de qualquer responsabilidade para/com o aluno que apresenta problemas de aprendizagem e ainda o culpa por essa falha. Movimentos intolerantes crescem dentro do ambiente escolar, fundamentando-se em conservadorismo, fascismo e aspectos ditos "ALT RIGHT", que ganham força através do discurso de ódio e enaltecendo a violência física; ditos "líderes" ganham espaço utilizando o medo como arma e a repressão

como solução; caminhamos rumo a uma ditadura padronizada, de rótulos, que exclui, reprime e rotula tudo o que vai na direção oposta.

*

Abordagens e pontos de vista que são contra a medicalização exagerada e a patologização devem estar inseridos no contexto da quebra desta padronização; bem como prezar a diferença desde o ensino fundamental, abordando esses temas de formas mais simples e acessíveis para esse público e adequando o conteúdo ministrado conforme a faixa etária dos indivíduos e planos de ensino.

O trabalho foi preparado tendo em vista a interação com o público, os adolescentes. A princípio, a proposta era solicitar aos alunos que acessassem a internet para assistirem os vídeos propostos pela equipe, porém houve imprevistos. Já era de nosso conhecimento que o projetor da escola não funcionava, mas nos foi dito que, quando necessário, os alunos utilizavam o próprio celular e a rede móvel de dados, [mas] acabou não acontecendo. Tentamos utilizar os celulares dos integrantes da equipe e ainda assim não foi possível realizar a atividade. Passamos então para a explanação dos temas, onde foram explicadas características centrais da adolescência, o receio de contar e expor seus sofrimentos para outras pessoas (pais, professores, amigos), bem como sua importância, citando também os jogos eletrônicos e utilizando-se desse tema para nos aprofundar no jogo da baleia azul e seus riscos. Ao final, foi aplicada uma dinâmica, com o objetivo de demonstrar aos adolescentes que quando se pede ajuda, as coisas ficam mais leves, novamente frisando a importância disso.

Foi perceptível que os alunos ficaram alvoroçados com a quebra do nosso planejamento, influenciados também pelo toque do sinal e outros alunos circulando no pátio, após a aula de educação física. Foi possível observar que, conforme os integrantes da equipe traziam as questões a serem abordadas, o nível de atenção crescia, e sua resistência conosco ia diminuindo. No fim da intervenção, os alunos já opinavam, participavam e conversavam, tanto entre si, quanto conosco.

*

A coordenadora nos relatou que a escola não se aproxima tanto dessa realidade, porém que há, sim, casos na escola e que normalmente aparecem aos professores quando os alunos se cobrem muito, usam mangas longas e capuz mesmo em dias quentes, é possível perceber que algo não está correto. A partir disso, os professores normalmente passam à coordenação ou direção que conversa com o aluno, investiga o porquê desse comportamento e entra em contato com os pais, sendo esse o procedimento padrão.

*

Questionei sobre como ocorriam essas automutilações na escola, onde a diretora me respondeu que, dentre os últimos casos, uma tentativa foi feita com um arame que o aluno encontrou no pátio da escola. Ele friccionou o arame contra o braço, porém não chegou a machucá-lo e fez isso por ter sido contrariado em sala de aula. Em todas as outras ocasiões, as tentativas de automutilações ou até ferimentos foram causados pela lâmina do apontador. A diretora disse que realmente não sabe como proceder e que já chegaram a questionar a proibição de apontadores na escola, pois os alunos chegam a utilizar lâminas enferrujadas e, mesmo a direção indicando sobre riscos, não apenas da automutilação, mas também sobre utilizar lâminas, na grande maioria de casos esse é o meio que encontram, fazendo os cortes dentro da própria sala.

*

É inegável que a primeira atividade foi frustrante. Realmente não esperávamos algumas das variáveis apresentadas [...]. Não esperávamos que a escola não possuísse uma sala para a intervenção, não esperávamos que seria necessário falar de um palco, visto que nosso objetivo era uma conversa, algo tratado de forma horizontal com os alunos. Também não esperávamos que a internet não funcionasse. Por outro lado, não esperávamos que seríamos tão bem recebidos. Não esperávamos que seríamos tão apoiados pela escola. Assim como não esperávamos que nos recebessem para várias entrevistas acerca de uma

mesma intervenção. A atividade, sem dúvida, auxiliou para que fosse compreendido que, apesar de muitos planos, a prática sempre será diferente. Apesar de sabermos que cada indivíduo é único e que nenhum processo é fechado e imutável, apenas com conceitos a nossa experiência é muito restrita.

*

A direção da escola traz como tema de projetos o trabalho de valores, acreditando que é por meio deles que as mudanças de comportamento dos alunos e também do meio acontecem, afinal, muitas crianças possuem uma visão limitada de maneiras em que podem trabalhar para ajudar o próximo e a si mesmo. A diretora relata que, muitas vezes, quando se fala em fazer alguma ação social, solidária, os alunos questionam como farão, pois não possuem dinheiro. O objetivo da escola, neste momento, é ensinar que não há necessidade de bens ou influências para 'fazer o bem', pois até a mais pequena atitude fará a diferença para alguém. Ela cita exemplos como visita a hospitais, atitudes como ler histórias para idosos ou outras crianças, que a princípio os alunos não veem como atividade de bem comum, mas que funciona na prática. Um dos trabalhos que a escola desenvolve dentro da instituição tratando valores, é acerca do *bullying*, abordando o respeito às diferenças, onde, segundo a diretora, os alunos participam do processo e discutem o tema.

REFERÊNCIAS

BOCK, A. M.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. **Psicologias*:*** uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva. 2008.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

BOUTANG, P.-A. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2017.

CAMPOS, M. S. **Psicologia da aprendizagem**. Petrópolis. Vozes, 1996.

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. **Psicologia na educação.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

_____; _____. **O Anti-Édipo:** capitalismo e esquizofrenia. Trad. Joana M. Varela e Manuel M. Carrilho. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 1972.

GALLO, S. **Deleuze & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LEITE, C. D. P. **Infância, experiência e tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2011.

MACHADO, A. M.; SOUZA M. P. **Psicologia escolar:** em busca de novos rumos. **São Paulo:** Casa do Psicólogo. 1997.

OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar: cenários atuais. **Estudos & Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812009000300007>. Acesso em: 27 out. 2017.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar:** histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

SKILIAR, C.; LARROSA, J. **Experiencia y alteridad en educación**. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2009.

SOUZA, M. P. R**. Retornando à patologia para justificar a não aprendizagem escolar:** A medicalização e o diagnóstico de transtornos de aprendizagem em tempos de neoliberalismo. Caxambu, MG: Casa do psicólogo, 2010. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjpn5r3uInVAhWDGJAKHf9MAHsQFggnMAA&url=http%3A%2F%2F31reuniao.anped.org.br%2F4sessao_especial%2Fse%2520-%252012%2520-%2520marilene%2520proena%2520rebello%2520de%2520souza%2520-%2520participante.pdf&usg=AFQjCNGe_mB7hIsKKRf3DsXwJ5oQUx5Ivw>. Acesso em: 12 jul. 2017.

PARTE I

AUTO-MUTILAÇÃO, SUICÍDIO E O JOGO DA BALEIA AZUL

ENCONTROS DA ESCOLA COM A PSICOLOGIA: DISCUSSÕES A PARTIR DE UMA ENTREVISTA COM UMA PROFESSORA

Bruna Fabiana Volpi

Discussões e reflexões sobre aprendizagem, crianças, adolescentes, escolas e educação são particularmente recentes em minha jornada. Habitualmente permaneci sentada atrás de minha carteira na busca de um conhecimento que pudesse enriquecer o presente e fornecer frutos diversos no futuro.

Agora, enquanto estudante do terceiro ano de Psicologia, sou convidada a me levantar desta carteira de sala de aula e adentrar numa escola de educação básica da cidade, ver a sua realidade, seu corpo de profissionais e seus alunos, com a finalidade de levar uma intervenção.

A coordenação do curso intermediou o contato com a escola, e posteriormente foram comunicados os temas sugeridos pela instituição: automutilação, baleia azul[3] e suicídio. Formada a equipe para realizar a intervenção, discutimos e planejamos com preocupação como se daria nossa ação dentro da escola, com temas que, na visão do grupo, se mostram muito delicados – e bastante desafiadores, visto que, oficialmente, seria a nossa primeira intervenção no “campo escolar”.

No dia em que fomos à escola, a coordenadora recebeu nosso grupo muito cordialmente, levando-nos até o local disponível para a intervenção. Como observadores, acompanharam-nos a coordenadora do curso e o professor da disciplina. Duas turmas foram convidadas a participar: uma do sétimo ano e outra do nono ano; ambas, durante toda a fala da equipe, mostraram-se atentas e, por vezes, participativas.

A conclusão da nossa ação se fez por meio de uma dinâmica, cujo objetivo era trazer uma reflexão sobre a importância da união, da disponibilidade em ajudar o outro, e uma conscientização sobre a coletividade existente, sobre não estarmos

[3]Um jogo online que teria supostamente surgido na Rússia, e se dá por meio da relação entre o jogador (voluntário), e os curadores (administradores do jogo). Envolve a proposta de uma série de cinquenta tarefas, todas apresentadas como desafios arriscados que os jogadores devem cumprir gradativamente. Muitas dessas tarefas envolvem atos de automutilação, até que, para “ganhar o jogo”, o jogador deve cumprir o desafio final: tirar a própria vida (MORETTO et al., 2017).

sozinhos. Foi possível perceber que neste momento, de fechamento, houve um envolvimento maior e mais descontração dos adolescentes.

Retornando à Universidade, todas as equipes (inclusive a nossa) relataram suas experiências, atividades, questionamentos, percepções, impressões, surpresas etc. Proporcionou-se, dessa forma, um momento de escuta, troca, reflexões e também compartilhamento de angústias, encantos, dúvidas, imprevistos e sugestões para as próximas práticas.

No semestre seguinte, numa disciplina também relacionada à Educação, aproveitou-se para pedir o retorno da intervenção realizada e entrevistar as professoras que estavam presentes, a coordenação e direção da escola. Além deste *feedback*, foi construída coletivamente em sala de aula uma série de perguntas que dirigiriam estas conversas.

A intenção foi buscar conhecer a visão das profissionais sobre os temas (automutilação, baleia azul e suicídio), os casos que já aconteceram dentro da escola, os procedimentos que a escola tomou diante deles, suas perspectivas sobre a Educação brasileira atual – as maiores dificuldades a serem enfrentadas e possíveis sugestões. Buscou-se ainda discutir os pontos de vista das profissionais em relação à Psicologia dentro da escola e às ações esperadas de um estagiário da área no local.

O Ato da Entrevista

Em uma aula da disciplina chamada Técnicas de Entrevista, tenho a turva lembrança de uma definição simples de entrevistar: ‘encontrar-se com’. Além das variadas definições, tais quais conversar, obter informações, buscar declarações com vistas a uma publicação etc., a definição como ‘encontro’ – mais elementar – é a palavra que levo comigo, enquanto concepção a entrelaçar-se com minha postura, agora, então, de entrevistar uma das professoras que presenciaram a intervenção do nosso grupo.

> As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga

> algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras (BONDÍA, 2002, p. 21).

Apesar de algumas perguntas já estarem formuladas, me dispus a um encontro, com abertura e, principalmente, escuta. Eu e minha colega de equipe entrevistamos a professora M., que demonstrou uma postura doce e também, falante. Informou-nos sobre uma diversidade de casos, opiniões, sentimentos, frustrações e pessoalidades enquanto nosso *encontrar-se* aconteceu.

A entrevista, que durou em torno de meia hora, deveria ser transcrita e, novamente, comentada com a turma da Universidade. Volto-me à primeira tarefa, da transcrição, que me exigiu em torno de três idas ao computador, ouvindo e reouvindo a entrevista, visualizando e digitando todas as palavras e frases. Diante do mar de percepções da profissional que a entrevista produzira, automaticamente reparo, analiso as falas, relaciono alguns posicionamentos com diversas discussões acontecidas na sala de aula universitária. Dentro de muitas as possibilidades, selecionei algumas falas que tocam em três pontos a serem dispostos da seguinte forma: (1) a influência do “bem” e do “mal” no ambiente escolar; (2) a relação família, educação e escola; (3) o estagiário/profissional de psicologia no espaço educacional.

O “bem” e o “mal”

Do ponto de vista da entrevistada, as diversas ‘modinhas’ que se difundem de forma rápida pelas escolas entre os alunos, independentemente do que apresentem como conteúdo, dificilmente contribuem para o desenvolvimento das crianças e adolescentes. A partir disso expõe sua dificuldade, enquanto professora, de demonstrar que existem alternativas e ações ‘boas’, que os alunos podem exercer e que, de fato, podem aprimorar suas vidas.

> [...] com o sétimo ano fiz uma atividade de eles pensar numa ação, e eles influenciar o bem. Então eles até trouxeram que tem muita gente assim que influencia o mal, nas redes sociais, e tal [...] E, às vezes você influenciar o mal, né, trazer uma modinha, é mais fácil atingir as pessoas, do que você, por exemplo [...] dar um sorriso, um bom dia, uma mensagem bonita, né? Então eles comentaram que, fizeram isso, e muitas pessoas não aceitaram, né? Por que às vezes o mal chega mais fácil (Trecho de entrevista).

Com esta mesma linha de raciocínio, a profissional coloca em pauta a questão da automutilação, enquanto um meio que o aluno utiliza para chamar a atenção do outro a ele; sob sua perspectiva, novamente, surge o assunto de uma influência externa, complementar à necessidade de o adolescente seguir um determinado grupo.

> É, eu vejo assim que realmente precisa ser muito trabalhado (tema de automutilação, baleia azul e suicídio), sabe. [...]. Então, até fiz uma atividade com eles que independente do grupo que você participe, você não precisa ali fazer o que os outros fazem, né? Então até eu vi, e vejo que eles fazem isso para chamar a atenção, né? 'Ah, sou guerreira, eu sou forte, né, então vou me cortar' [...] (Trecho de entrevista).

Oliveira (2016) destaca que a automutilação, em forma de corte, reflete a falta de um social e um simbólico amparador, restando ao adolescente apenas o real como meio para existir, inscrevendo em seu próprio corpo uma marca que seja visualizada e direcionada ao outro como um apelo.

Cabe aqui a reflexão de como os alunos existem em nossa sociedade, nos variados espaços que ocupam, uma vez que isto influenciará na constituição de suas subjetividades. Segundo Gallo (2000), a construção das subjetividades se faz na exterioridade, no mundo. A partir disso as significações são realizadas integrarão o vazio da estrutura subjetiva. Ao se olhar para a subjetividade, descobre-se também o vazio de ser. A subjetividade, para o autor, não é o conteúdo das ações e pensamentos de um indivíduo, e sim a estrutura: o pensar a agir de uma determinada maneira que se dá através do processo de individuação da globalidade do mundo.

A relação família, educação e escola

Quando a professora foi questionada sobre quais seriam os maiores problemas da educação brasileira, bem como os da escola, voltou-se principalmente à questão da educação não formal. Destacou a dificuldade existente, pois, de um lado os pais pontuam que a educação escolar é o principal; de outro, os professores sentem a escassez de uma educação elementar oriunda da família – o que a seu ver, facilitaria o processo de aprendizagem escolar.

> O quê que o pai tem como interpretação: 'a gente precisa dar de tudo pro filho! Eu não tive, então vou dar tudo!' Só que o tudo, o que é? É a educação! É você ensinar teu filho a respeitar o outro. É ensinar teu filho a, né, aprender. Então, é saber esperar. Então né, todas essas situações [...]. É, eu vejo assim, a influência dos pais [...] a gente tenta ajudar e eles não aceitam, sabe? Então, às vezes eu vejo que a gente tem que trabalhar em parceria [...]. Porque não adianta também, por exemplo, se os pais educassem em casa e viesse a uma escola que não tivesse regras. Onde a escola não tivesse essa continuidade, né? E assim vai ser depois com a sociedade, né? (Trecho de entrevista).

Estas colocações remetem a uma crítica de Leite, que propõe o seguinte questionamento:

> [...] o que queremos de fato dizer quando falamos em uma educação para a cidadania, se não estamos falando exatamente desse sujeito que obedece às regras definidas pela sociedade, através de um comportamento dito produtivo, que acaba por ser o adulto 'politicamente correto' (LEITE, 2002, p. 89).

Aqui, o autor ressalta a criança como um ser curioso, imaginativo, provido de desejos, instável e imprevisível. Estas características por vezes causam receio nos adultos – e também na escola – para lidar com o desconhecido e o descontrolado, tão oposto ao adulto normalizado, respeitador de regras: cidadão.

O estagiário/profissional de psicologia no espaço educacional

Após as colocações das maiores dificuldades da escola e possíveis sugestões, a professora entrevistada demonstra sua visão sobre o papel do psicólogo dentro da escola. Durante toda a conversa ela expôs sua preocupação com o futuro de seus alunos, principalmente aqueles que possuem dificuldades de aprendizagem, e também os que possuem na vida pessoal problemas que vêm à tona em sala de aula.

> Porque às vezes a gente tem uma dificuldade de aprendizado e a gente vai ver no aluno, é um problema lá em casa, às vezes psicológico, que ele tá lá com problema, né? Pai e mãe se separando [...] E isso reflete totalmente na sala de aula, né? Então, se o aluno não está bem psicologicamente, ele não vai conseguir aprender, né? (Trecho de entrevista).

Aqui se atribuem as dificuldades escolares aos problemas psicológicos e pessoais dos alunos. A pesquisa realizada por Proença (2000) critica o modelo clínico do psicólogo que elabora laudos psicológicos a fim de encontrar na criança

um problema individual que não permite a sua aprendizagem. Mesmo sendo a pesquisa realizada em 1997, a autora destaca a visão predominante do profissional de psicologia como aquele que considera somente a queixa escolar num contexto psíquico, e que então reflete nos professores, de acordo com suas concepções do processo pedagógico, as justificativas da dificuldade de aprendizagem.

> [...] Sim, porque igual eu falei, eu às vezes me sinto psicóloga! Porque, né, eu tento ajudar o aluno! Eu quero ali, de uma forma [...] Só que eu não tenho esse preparo, né? Eu tenho [...] só que eu fico ali dez, quinze minutos, só, falando o quê eles precisam fazer, que é importante estudar, né? Mas às vezes o problema é maior! Né? E ali o aluno vai estar [...] pensando lá no problema dele (Trecho de entrevista).

A preocupação da professora em ajudar os alunos e mostrar-se, mesmo que por pouco tempo, disponível a aconselhar vem junto de uma insegurança quanto ao preparo em realizar esse serviço.

> [...] às vezes a gente pergunta 'ah, e aí? Tá tudo bem? O que tá acontecendo?' Ás vezes ele não fala. Então, né, para aquela outra pessoa, às vezes, que ele nunca viu na vida (profissional de psicologia), ele se abre totalmente, sabe? (Trecho de entrevista).

O desconhecimento das possibilidades práticas da psicologia escolar faz parte do processo já citado por Proença (2000). As práticas psicologizantes e clínicas permearam por um longo período a psicologia brasileira, e o senso comum sobre o profissional de psicologia é justamente a do psicólogo de consultório. Neste trecho da entrevista, a professora relata este ponto de vista – em que o psicólogo ajudaria o aluno em seus problemas particulares –, e dessa forma imagina a intervenção de um estagiário de psicologia como uma das soluções sugeridas para as dificuldades da educação e da escola.

A psicologia escolar tem o propósito de facilitar o desenvolvimento do ser humano, seja ele a criança ou não. A atuação do profissional de psicologia pode se dar na orientação de alunos (não apenas alunos-problema), por medidas preventivas diversas, pela análise das situações de aprendizagem (que por sua vez envolvem perfil do professor, metodologias pedagógicas, condutas institucionais etc.), assim como o ambiente escolar (e ainda fora dele), a fim de conhecer os alunos além de seus currículos acadêmicos, para que só então, a partir do todo, a Psicologia e a Pedagogia se complementem.

Reflexões finais

Ao se caminhar pelo percurso de formação do profissional de psicologia, encontrar-se com a escola gera a reformulação de conceitos sobre a sociedade e a educação. É comum ouvir a frase “tudo estoura na escola”, e é possível visualizar o anseio dos educadores em estar mais bem preparados para lidar com a pluralidade de situações, sem deixar de cumprir seu papel pedagógico.

Assuntos como os abordados nesta intervenção – automutilação e suicídio – são tidos como tabus na sociedade, e as informações mais difundidas relacionadas a eles são geralmente provindas do senso comum – como alternativas que pessoas utilizam somente para “chamar a atenção”. Esses fatos demonstram a importância da ação realizada dentro da escola, que trouxe, através de acadêmicos, auxílio à apresentação de instruções e orientações sobre os determinados temas.

Proporcionar, através de uma entrevista, uma escuta sobre as perspectivas de um professor da educação básica sobre, dentro outros assuntos, a atuação da profissão em que escolhi praticar – e na qual estou buscando formação – é de muito valor.

Mais uma vez ressalta-se o desconhecimento das práticas da psicologia escolar, o que é particularmente um desafio para o mundo acadêmico, pois através também de nossas ações dentro das escolas é que poderemos formar parcerias e nos tornarmos integrantes do processo educacional.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

GALLO, S. Subjetividade e educação: a construção do sujeito. In: LEITE, César D. P.; OLIVEIRA, Maria Beatriz L. de.; SALLES, Leila M. F. (Orgs.). **Educação, psicologia e contemporaneidade**. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2000, p. 47-70.

LEITE, C. **Labirinto**: infância, linguagem e escola. 2002. 160 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: UNICAMP, 2002.

MORETTO, M. L. T. et al. O suicídio e a morte do narrador. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 159-164, ago. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642017000200159&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 set. 2017.

OLIVEIRA, T. A. **Automutilação do corpo entre adolescentes:** um sintoma social ou alerta de transtorno mental? 2016. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saúde mental e Atenção Básica) – Faculdade Bahiana de Medicina, Salvador, 2016. Disponível em: <http://www7.bahiana.edu.br/jspui/bitstream/bahiana/326/1/TCC%20gravar%20%28Tain%C3%A1%20Oliveira%29.pdf>. Acesso em: 30 set. 2017.

PROENÇA, M. A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo. In: MACHADO, A. M.; PROENÇA, M. (Orgs.). **Psicologia escolar:** em busca de novos rumos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 19-37.

INTERVENÇÃO ESCOLAR: CONHECENDO A ESCOLA ATRAVÉS DO DISCURSO DOCENTE

Magda Linzmeyer

A partir de uma atividade acadêmica, foi proposto ao grupo trabalhar em uma escola pública municipal da cidade de Rio Negrinho/SC com turmas de sétimo e oitavo ano do ensino fundamental do período da tarde o tema de automutilação, suicídio e o jogo da baleia azul. O tema esteve em evidência durante o início deste ano, devido à divulgação e à polêmica que envolveu o jogo, principalmente pela mídia. O jogo contém 50 desafios e muitos deles levam o indivíduo a se automutilar. O último desafio seria o de tirar a própria vida. A escola em questão registrou há pouco tempo um caso de automutilação com uma aluna do período da manhã, no entanto, segundo relatos, não havia relação com o jogo da baleia azul. O caso foi investigado e resolvido dentro da própria escola, sem envolver os pais.

Intervenção

Enquanto acadêmicas do curso de Psicologia da Universidade do Contestado, campus Rio Negrinho/SC, resolvemos trazer um debate mais amplo. Para entendermos melhor a influência desses temas nos dias de hoje, principalmente entre os jovens, procuramos abordar questões sobre a internet e uma de suas vertentes: o bullying. Assim como a automutilação e o suicídio entre jovens, o bullying – virtual ou não – dentro de uma escola, não é um assunto novo. É uma realidade há muito presente na sociedade. Suas consequências são conhecidas e podem marcar o indivíduo por toda uma vida.

Realizamos uma dinâmica chamada “Telefone sem fio”, onde o grupo formou um círculo e uma das acadêmicas falou uma frase no ouvido do primeiro participante, que deveria passá-la adiante, para o próximo participante, e assim sucessivamente, até que chegasse ao último participante da roda e este falasse a frase que ouviu em voz alta. Neste momento, é possível verificar se a frase inicial era a mesma que a falada no final. Porém, elas eram totalmente diferentes. Com isso, concluímos a dinâmica abordando questões sobre se ter uma boa comunicação em grupo, cuidar com o que se fala sobre os outros, tanto no mundo

real – na escola – como no virtual – na internet; verificar se o que eles ouvem por aí é verdade antes de sair falando para os outros, evitando assim fofocas e mentiras. Tratamos também sobre a empatia: colocar-se no lugar do outro, buscar sentir o que ele sente, e sobre tratar o outro como gostaria de ser tratado. Finalizamos a intervenção com a frase “Cuide bem do próximo como a ti mesmo”.

Entrevista

Dessa forma, sem ter conhecimento prévio do campo que estaríamos explorando, conseguimos obter resultados realmente significativos com a referida turma do sétimo ano. Em contato com o professor regente da turma, Marcelo, ele nos contou que desde o início do ano a escola presenciou alguns casos de bullying nesta turma, o que afetou o relacionamento interpessoal na sala. A escola teve bastante trabalho com o grupo a fim de orientá-los quanto ao respeito ao próximo, com o intuito de evitar confusões, devido frequentes provocações e comentários maldosos entre eles. Contudo, depois da nossa intervenção, o professor relata que percebeu mudanças e melhorias no comportamento dos alunos, quanto ao respeito principalmente, mudanças na postura e nas atitudes dentro da sala de aula, não sendo observados então problemas e atritos relacionados à convivência dentro da turma. Segundo o professor, mesmo tendo sido trabalhado especialmente o tema da baleia azul, a palestra trouxe aos alunos a questão da reflexão, para pensar e sentir além de si mesmo, considerando e valorizando a vida e os sentimentos do próximo. O trabalho que fizemos veio para complementar o trabalho de orientação que já estava sendo feito pela escola desde o início do ano.

Para Marcelo, essas atividades vão além, envolvendo bem como outras questões:

> A questão da referência também, eles precisam ter boas referências e saber o que é certo, o que podem fazer, o que não podem, saber respeitar o espaço do colega, quais são os seus direitos, os seus deveres, não fazer para o outro o que eu não quero que faça para mim. Isso é uma questão que viemos trabalhando muito com essas turmas, principalmente para que eles tenham esse tipo de referência que muitas vezes dentro de casa nós percebemos que falta um pouquinho. Às vezes, eles vêm para a sala de aula e acham que nessa questão da convivência vale tudo, e na verdade nós sabemos que não. Então, buscamos orientá-los nesse sentido e não apenas no conteúdo formal, mas também na questão de relacionamento interpessoal e outras questões.

Na sequência, o professor comenta que para ele um dos maiores desafios da escola na atualidade é o de ensinar não apenas o conteúdo formal, que diz respeito à escolarização, mas também tem a tarefa de ensinar sobre valores, que deveriam ser aprendidos em casa e repassados pela família. Ele traz a crítica de que a escola está se sobrecarregando com problemas provenientes do meio externo e tendo que se responsabilizar por todo o desenvolvimento da criança, tanto intelectual como moral. As famílias vêm se ausentando neste processo e deixando a questão da disciplina por conta da escola. Muitas vezes problemas familiares e sociais afetam o rendimento escolar, atrapalham a aprendizagem e a escola acaba se sentindo lesada em sua principal função. Porém, conforme nos apresenta Oliveira (2016, p. 20):

> Partimos do pressuposto que a escola pública, laica e gratuita PARA TODOS precisa, além de inserir todos formalmente no processo de escolarização, reconhecer TODAS as diferenças como fazendo parte da pluralidade social e assumir sua responsabilidade com TODOS os alunos, independentemente de seus problemas intelectuais, psíquicos e sexuais, familiares ou socioeconômicos. A busca de superação de seus padrões de comportamento que desconsideram a vivacidade infantil e as necessidades de movimento próprias da infância inclui-se nessa luta, bem como a estigmatização de crianças e jovens em dificuldades.

Normalmente o que acontece é que a escola tenta se esquivar de suas responsabilidades, negando a existência de limitações, dificuldades e falhas próprias. Dessa forma “o deslocamento das causas dos problemas para as famílias, para o meio social ou para as próprias crianças é a regra” (OLIVEIRA, 2016).

Oliveira (2016, p. 30) faz uma crítica quanto aos pais ditos ausentes nas escolas:

> Parece-me que, antes de responsabilizar as vítimas sociais – pais e mães pobres, desinstruídos, desassistidos ou simplesmente trabalhadores sem condições de conseguir liberação profissional para comparecer à escola – seria necessário refletir socialmente sobre a questão e buscar olhar pelo outro lado o problema, perguntando-se: como pode a escola assumir sua responsabilidade educadora por alunos cujos pais não podem ou não querem comparecer à escola? De que modo a escola pode intervir para proteger e educar crianças e adolescentes em situação de violência doméstica ou outras formas de vulnerabilidade social?

Oliveira nos faz refletir ainda de que devemos considerar:

> O problema desses alunos não como um problema individual ou familiar, mas como problemas produzidos por uma sociedade desigual, plena de iniquidades e francamente desfavorável às classes menos favorecidas, além de baseada num modelo familiar idealizado, incompatível com a maior parte das famílias brasileiras (OLIVEIRA, 2016, p. 30).

No entanto, Marcelo tem consciência do trabalho que é destinado à escola. Ele comenta que a instituição precisa ter um olhar e uma acolhida mais humanizada, pautada pelo afeto. Uma vez que, se a criança não está comendo ou dormindo bem, se está sofrendo qualquer tipo de violência em casa – física, psicológica, sexual – é evidente que ela não prestará atenção no conteúdo repassado em sala. Ele apresenta como solução a união entre a escola e a família, para se ter melhores resultados, pois enquanto a responsabilidade recair apenas sobre uma das esferas, a tarefa de ensinar não será bem sucedida. Para isso, ele afirma que a escola terá que mudar em muitos aspectos, abrir os olhos para o que acontece em volta da escola, na comunidade, e não apenas se fechar para os problemas do muro para dentro.

Para a construção deste novo caminho, o professor acredita em novas parcerias firmadas com diferentes instituições. Para ele, a presença e o trabalho do psicólogo escolar são imprescindíveis dentro do contexto escolar, bem como atividades com temas diferenciados e inovadores, que fujam dos conteúdos de sala de aula. E que se busque, juntamente com os docentes, um currículo atual, diversificado, que tenha um sentido para o aluno e que contribua mais acertadamente para o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Existem noções de moral distintas, valores e práticas sociais que influenciam toda uma nação, e que também entram para a sala de aula, por meio da educação, pois “cada professor e seus alunos podem ter posições diferentes sobre o que é correto, bom, justo, ou seja, sobre o que tem valor” (MENIN, 2002). Dentro do ambiente escolar, “o corpo de professores pode ser completamente diverso em termos dos valores mais adotados e sua transmissão fica a cargo de cada um, de forma assistemática e acidental” (MENIN, 2002).

> Podem, numa mesma escola, ser encontrados professores que incentivam a competição entre alunos ancorando-se no fato de que na sociedade atual predomina o “cada um por si” ou o “vence o mais forte”, outros defendendo a cooperação e a solidariedade para a construção de uma sociedade melhor, e outros, ainda, completamente indiferentes a essas questões e que consideram a moral como um assunto particular (MENIN, 2002, p. 95).

Menin (2002, p. 97) nos evoca ainda que: “Não se ensina cooperação como um valor sem a prática da cooperação, não se ensina justiça, sem a reflexão sobre modos equilibrados de se resolverem conflitos; não se ensina tolerância sem a prática do diálogo”.

Muitas vezes é preciso ter cuidado para não culpabilizar o que é um problema social. A culpabilização parental não é uma solução. É fundamental investir no fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, a fim de promover e valorizar o sentido de vida coletiva. E considerar e respeitar as mais diversas singularidades que existem em uma unidade escolar.

A atividade que realizamos foi uma importante iniciativa. Precisamos de uma quebra na rotina da escola ao entrarmos na sala de aula com um tema polêmico e necessário de se debruçar. Através de pequenas iniciativas como essa, podemos obter mudanças e transformações significativas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social. **Convivência e fortalecimento de vínculos**. Disponível em: <http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/servicos-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>. Acesso em: 03 out. 2017.

MENIN, M. S. S. Valores na escola. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 91-100, 2002.

OLIVEIRA, I. B. **Caderno de debates do NAAPA:** questões do cotidiano escolar. 1.ed. São Paulo: SME/COPED, 2016.

EDUCADORES PARA A VIDA, EDUCAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

Rafaele Simões da Maia Schukosky

Introdução

Durante a adolescência o indivíduo está em busca de prazer e satisfação, e por muitas vezes negligencia os risco e consequências de suas ações, que resultam em comportamentos negativos. Nesse período da vida o contexto familiar funciona como uma base para o desenvolvimento do adolescente, e um funcionamento familiar inadequado pode refletir em sintomas depressivos, aumentando o risco de envolvimento em tais comportamentos. Fizemos uma intervenção escolar com uma palestra, tratando dos temas *automutilação*, *jogo baleia azul* e *suicídio*, no intuito de mobilizar os adolescentes a pensarem sobre suas dificuldades.

Adolescência, Automutilação, Suicídio e Baleia Azul

É grande o número de adolescentes que cometem a automutilação, prática que engloba um conjunto de ferimentos autoinfligidos, sem intenção suicida consciente, resultando, contudo, em dano aos tecidos do corpo (GRATZ, 2006).

A forma mais comum de automutilação implica cortar ou rasgar a pele, mas há outras formas de automutilação, como pontapear, provocar queimaduras e arranhar. As áreas atingidas caracterizam-se por serem facilmente ocultáveis, de modo que o comportamento passe despercebido, e incluem braços, coxas e zona abdominal (BARBEDO; MATOS, 2009).

A prática geralmente começa a aparecer na adolescência. Este comportamento é referido na literatura como sendo uma tentativa de lidar com emoções negativas, de algum modo inerente ao período da adolescência: frustração, desvalorização, rejeição. Provocar uma dor física, definida, localizável, permite um alívio do emocional negativo, deslocando o foco de atenção do sofrimento e servindo às funções de estratégia de coping de regulação emocional (cf. LAYE-GINDHU; SCHORNERT-REICHL, 2005; MATOS; SAMPAIO, 2009). A automutilação é também vista como uma forma de autopunição, com o adolescente a canalizar para si mesmo a ira que sente.

Há uma tendência em se pensar na adolescência como um período difícil, turbulento, com variações de humor e crises emocionais. Muitas vezes os adolescentes se deparam com situações novas e pressões sociais quando se aproximam da idade adulta e, para alguns, este período de transição é muito difícil. Os sentimentos apresentados, como descontentamento, confusão, solidão, incompreensão e atitudes rebeldes, podem indicar depressão.

Uma pessoa depressiva tem interferências significativas na vida diária, nas relações sociais e no bem-estar geral, o que, em casos mais graves, pode levar ao suicídio. O índice de suicídio é crescente entre adolescentes – triplicou nos últimos trinta anos – e atinge em maioria adolescente entre 15 a 19 anos (F. NETO, 2008).

O comportamento suicida envolve um conjunto de pensamentos, motivações e ações cujo intuito é o de pôr termo à própria vida. Implica uma autoagressão intencional com o fim de provocar a morte. Alguém que pretende cometer suicídio dá indícios de sua ação previamente, como uma forma de aviso aos que estão próximos. Muitos tomam esta decisão após uma situação de grande tensão; adolescentes, por exemplo, por vezes cometem suicídio após brigas com os pais, términos de relacionamento ou problemas com autoridades.

Jogo Baleia Azul

Sabe-se que o jogo se trata de um desafio que teve origem em 2015 nas redes sociais da Rússia e se espalhou pela Europa nos últimos dois anos. Na Rússia, as mortes de alguns adolescentes foram relacionadas ao jogo, embora não haja confirmação sobre esses relatos. Indivíduos estariam sendo convidados a completar um número de tarefas em 50 dias.

O jogo funciona como uma espécie de “siga o mestre”: quem dita as regras e propõe os desafios é um mentor, o qual envia aos participantes, mensagens com instruções sobre o que fazer e solicita fotos como prova do cumprimento das tarefas. Os jogadores geralmente são crianças e adolescentes, que, além de serem mais suscetíveis a influências de terceiros, passam mais tempo em redes sociais. Tudo começa de maneira “leve”: no início, são delegadas aos jogadores tarefas como assistir a filmes de terror, ouvir músicas psicodélicas e desenhar uma baleia azul em um papel. Com o passar dos dias, os adolescentes chegam a ser desafiados a se pendurar em lugares altos e se automutilar, ou até tirarem a própria vida. Há

preocupação que a ideia esteja se espalhando pelo mundo – inclusive pelo Brasil – por meio de redes sociais.

Intervenção Efetuada na Instituição

A intervenção foi feita em uma Escola Municipal de Educação Básica, existente há cerca de 40 anos no município de Rio Negrinho. Atualmente, a escola conta com cerca de 830 alunos, matriculados do 1º ao 9º ano. A intervenção realizada teve como objetivo informar e prevenir os alunos sobre assuntos relacionados à automutilação, ao suicídio e ao jogo baleia azul.

Iniciamos a atividade com uma dinâmica, no intuito de criar um vínculo com os alunos e possibilitar que o decorrer da palestra ocorresse com a interação de ambas as partes. A dinâmica pedia para que eles se organizassem em rodas de oito alunos, todos com os braços trançados e de mãos dadas, virados para o centro da roda. Após esse processo de organização, foi solicitado que eles virassem para fora, sem que desprendessem as mãos e nem os braços trançados. Três equipes conseguiram realizar a atividade com sucesso. Finalizada essa parte, fornecemos uma devolutiva na qual explicamos a importância do trabalho em conjunto, afirmando a ideia de que na vida nos deparamos com desafios que serão mais bem solucionados quando compartilhados com pessoas próximas. Na fase da adolescência, definida como um período de transição, começam as cobranças por responsabilidade e pela escolha profissional.

Após esse primeiro momento, iniciou-se a explicação sobre o que é a automutilação e sobre como esse tipo de situação acaba acontecendo; falamos também sobre como identificar alguém que se automutila. Sempre voltando ao objetivo de prevenção, apresentamos 2 depoimentos que relatavam a história de adolescentes automutilados. Posteriormente, exibimos um breve vídeo que contava a história de uma garota que se suicidou e deixou uma carta para a mãe; um vídeo forte, baseado em uma história real e cheio de detalhes de toda a evolução do caso.

Devido ao impacto causado pelo vídeo, fizemos uma dinâmica novamente. Solicitamos que as pessoas que se consideravam corajosas levantassem a mão. Solicitamos que subissem até o palco, e perguntamos o nome de cada um desses; novamente perguntamos se realmente se consideravam corajosos. Neste momento, apenas uma adolescente respondeu com certeza que sim. Colocamos então uma

música e entregamos aos alunos uma caixa, que deveria ser passada de mão em mão. A pessoa que estivesse com a caixa no momento em que a música fosse pausada deveria abri-la e cumprir o desafio. Por coincidência, a caixa parou justamente na mão da garota que se considerava corajosa. Ao abrir a caixa, ela cumpriu o desafio proposto: comer um pirulito.

Essa foi a forma simbólica que a equipe encontrou para explicar a eles que a vida é cheia de desafios, e que infelizmente nem todos serão doces; muitas vezes nos deparamos com inúmeros desafios, inclusive dolorosos. Explicamos que desafios fazem parte da vida de todas as pessoas, e por mais difíceis que sejam, podem ser superados.

Após a explicação sobre automutilação, falamos sobre os perigos da internet, enfatizando o quanto se está acessível e exposto, praticamente em todos os sites. Utilizamos o exemplo de situações em que, quando se acessa uma página da internet, no canto da tela uma barra pequena pisca e brilha o suficiente para que acabe se destacando. Muitas vezes esses anúncios trazem “promoções imperdíveis” ou até mesmo “dietas milagrosas”, mas na verdade encobrem vírus eletrônicos.

O último assunto abordado foi o jogo da baleia azul. Falamos sobre a baleia, o animal, e então introduzimos o contexto do jogo; discutimos os desafios envolvidos, como assistir filmes de terror durante a madrugada, se cortar, e até mesmo o último desafio, de tirar a própria vida. Criando um link com o assunto *perigos da internet*, explicamos sobre o quanto é perigoso esse desafio e também a dificuldade que os participantes do desafio encontram ao tentar desistir do jogo, já que muitas vezes os administradores ameaçam os familiares desses participantes – que acabam sendo coagidos, pelo medo, e impossibilitados de sair do jogo.

Finalizamos nossa visita com uma dinâmica, com copos de água. Um copo possuía água limpa, sem nenhuma impureza, e o outro copo possuía água com terra; mostrou-se assim o quanto de água limpa é necessário para que a água suja se tornasse pura novamente. Essa dinâmica teve como objetivo motivá-los, dizer que, por mais que a vida esteja difícil, sempre existe a oportunidade de melhorar.

Relato Pessoal: “Impressões”

Esta atividade foi de grande valia para mim, como pesquisadora. A escola é um dos ambientes de socialização em que os adolescentes, longe da família, têm

contato com novas situações e experiências, cada aluno com sua subjetividade, sendo recíproca a troca de informações, conhecimento e crescimento. O fato de conviverem durante o período letivo os leva a formar vínculos entre si; o fato de nossa visita ter sido rápida teve o intuito de agregar valor e fazê-los pensar sobre suas vidas e o quanto são importantes e preciosas.

A adolescência é uma fase da vida em que acontecem muitas mudanças, durante a qual por vezes é necessário ter apoio e direcionamento de alguém que esteja disposto a ouvir para ajudar o adolescente em seus conflitos. Não estávamos ali para esse suporte, mas acredito que abrimos um leque de informações diante deles, em relação a questões delicadas sobre suicídio e a automutilação. O fato de terem entre si um vínculo de amizade pode os ajudar a vencer conflitos e buscar ajuda com os adultos (sejam eles os pais, familiares, professores ou mesmo os psicólogos). O fato de entrarmos na escola com moletons e com descrição do curso de psicologia trouxe também a eles um pouco de conhecimento sobre a profissão do psicólogo – o auxílio ao ser humano, a ajuda a eles, na linguagem deles, no ambiente deles.

Gostei muito da atividade, que foi marcante por ser a primeira. O fato de ajudar o outro, saber que estava falando a um adolescente que tem uma história, uma vida, uma família, é gratificante. Sem a valorização do ser humano, do coração batendo, do ar que respiramos, das relações interpessoais, o conhecimento não serve de nada se não for para cumprir o propósito de ajudar ao próximo.

Entrevista Pós-Intervenção

Dois meses após a atividade na escola fizemos entrevistas com oito perguntas aos profissionais da instituição, com o intuito de analisar o impacto do que ocorreu na escola. A entrevista relatada a seguir foi feita com uma professora e uma especialista da educação.

Questionário e Respostas

A professora tomou a frente e respondeu às perguntas, de forma breve e direta, tendo consciência do perigo e da necessidade de se trabalhar dentro da escola temas considerados tabus, tais como sexualidade, automutilação e suicídio.

Faz parte da realidade de algumas crianças sofrer abusos e maus tratos dentro de suas famílias. Essas crianças praticam agressões e ofensas aos seus colegas, professores e até a si mesmas. Na escola em questão ocorrem casos de automutilação, e no início do ano de 2017 houve um suicídio acidental, que gerou uma repercussão muito grande de comentários entre os alunos.

Na tentativa de ajudar os adolescentes, a escola faz intervenções por meio de conversas com os alunos. Através destas conversas, eles se sentem seguros a contar que passam por situações complicadas e encontram na automutilação “alívio” para o que sentem.

Uma professora bem jovem demonstrou ser receptiva aos alunos para ouvi-los quando expõem suas dificuldades; comentou que não se sente capacitada para fazer as intervenções necessárias e salientou que concorda que deveria haver nas escolas profissionais da psicologia para coordenar e orientar os alunos.

Por essa falta de capacidade nas intervenções a professora oscila em suas respostas e argumentos: começa afirmando que os alunos trazem problemas, questões de dentro da família para escola, mas já na terceira questão contradiz seu argumento com a afirmação de que os adolescentes fazem isso por modismo e nem tanto problemas em casa; na quarta questão, comenta sobre o projeto desenvolvido pela escola e menciona novamente que a questão familiar pesa bastante nos problemas e acarreta a automutilação.

Como forma de prevenção, a escola promove palestras e aproximação dos alunos para superarem seus conflitos e dificuldades. As duas profissionais comentaram sobre o projeto que estão desenvolvendo na escola com uma equipe de professores e coordenadores, direcionado aos alunos do 5º ao 7º ano, abordando temas como automutilação, sexualidade, drogas e questões familiares. Elas aplicam questionários de múltipla escolha, sem a necessidade de identificação do aluno.

No dia da entrevista não foi feito um fechamento com discussão do resultado obtido, porque o questionário ainda estava sendo aplicado, e os dados desse projeto estavam sendo analisados com os estudantes. Quando se identifica na escola um caso de aluno que pratica automutilação, os pais são chamados para uma conversa e aconselhados a procurar profissionais para dar suporte psicológico e de assistência social às famílias.

A Especialista Educacional demorou em se posicionar em relação às perguntas e mostrou-se mais rígida, medindo as palavras a serem ditas e por muitas

vezes complementando a resposta da professora. Deixou claro que o problema é familiar; que a criança e o adolescente sentem carência, desamparo e buscam saídas alternativas. Ela trouxe o papel da escola ante um caso de automutilação descoberto nas dependências da instituição. Acredita que deveria haver mais investimentos nas áreas educacionais e salienta também a importância do profissional da psicologia dentro das escolas.

Segundo as afirmações feitas durante a entrevista, as entrevistadas elencam em âmbito nacional a falta de investimento na educação como um grande problema. Mas a falta de recursos e reconhecimento não são empecilhos para os profissionais da instituição em questão desempenharem o seu trabalho com muita dedicação e desenvolverem atividades para construir a intelectualidade e a dignidade humana dos alunos.

A escola em questão fornece uma base de apoio para o aluno, e a equipe multidisciplinar soma para a qualidade na educação. A atuação do psicólogo dentro da escola é fundamental, segundo a professora. O município conta com apenas uma psicóloga que atende à demanda de todas as escolas municipais, porém o ideal certamente seria haver pelo menos um profissional da psicologia em cada escola do município. Como citado anteriormente, a falta de investimento deixa inviável essa realidade, mas a formação de uma equipe educacional é muito requisitada por professores e orientadores. Esses profissionais necessitam de auxílio para contribuir com os alunos dentro das salas de aula, com orientações e coordenadas aos professores, diretores e orientadores, numa ação conjunta para a promoção da educação entre psicólogo e professores.

Conclusão

Em relação às repostas dadas a cada pergunta do questionário, percebemos que havia uma preocupação, por parte das duas pessoas entrevistadas – professora e especialista educacional – em responder corretamente.

O problema é real em escolas de todo Brasil, e tomando como amostra a escola Municipal de Rio Negrinho, houve interesse na intervenção dos acadêmicos de Psicologia, que resultou positivamente na intervenção feita na escola, com a abordagem dinâmica dos temas. Os alunos foram muito receptivos à ação realizada; demonstraram interesse e interagiram durante toda a palestra. Em momentos de

conversa com os professores e orientadores escolares, após essa intervenção por meio da palestra, os alunos sentiram-se mais confiantes em expor suas vidas e buscar ajuda; revelaram-se outros casos de automutilação e alunos com sérios problemas familiares, muitas vezes depressivos.

Concluo que, por mais breve que seja o contato com adolescentes, eles têm sede por conhecimento e novidades. Intervir com auxílio e direcionamento corretos em favor deles contribui para seu desenvolvimento psicológico, crescimento e maturação. Visto que a família é uma base para o indivíduo, e se ela se encontra desestruturada, outros agentes preenchem essa falta. Não se pode fechar os olhos perante o caos, mas sim ser uma luz no meio da treva, pois a humanidade caminha em altos e baixos; saber passar pelos vales faz de cada um “guerreiro”.

Falar a uma pessoa multiplica-se em várias pessoas alcançadas, e mostrar-se aberto a ajudar, apoiar e ouvir traça uma caminhada de mudanças e êxitos.

REFERÊNCIAS

BARBEDO, M.; MATOS, M. Fazer mal a si próprio. In: MATOS, M.; SAMPAIO, D. (Coord.). **Jovens com saúde**: diálogo com uma geração. Lisboa: Texto Editores, 2009.

F. NETO, A. **A verdadeira cura interior**. 1.ed. Fortaleza: Faculdade Karius, 2008.

GRATZ, K. Risk factors for deliberate self-harm among female college students. the role and interaction of childhood maltreatment, emotional inexpressivity and affect intensity/reactivity. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 76, n. 2, 2006.

LAYE-GINDHU, A.; SCHORNERT-REICHL, K. Nonsuicidal self-harm among community adolescents: understanding the “whats” and “whys” of self-harm. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 34, 2005.

MATOS, M.; SAMPAIO, D. **Jovens com saúde**: diálogo com uma geração. Lisboa: Texto Editores, 2009.

EDUCAÇÃO MENOR E SUA IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Susana de Souza

Introdução

Realizou-se, no município de São Bento do Sul, uma intervenção em algumas escolas promovida pelo professor da disciplina de Psicologia Escolar Rafael Christofolleti, que é docente do curso de psicologia na Universidade do Contestado – UnC - Rio Negrinho. A intervenção se deu através de uma palestra interativa com duração de duas horas entre conversas, orientações e dinâmicas. Contou com a participação de aproximadamente 60 crianças com idades entre 10 a 15 anos. O assunto abordado foi o jogo da baleia azul, suicídio e automutilação.

Posterior a essa intervenção foi realizada uma pesquisa, a fim de ter retorno sobre a atividade realizada na escola. Esta atividade foi bastante produtiva e trouxe à tona assuntos que posteriormente iremos abordar.

Aqui traremos alguns aspectos importantes sobre o relato de duas professoras, que por questão de sigilo, e para não expor das mesmas, serão utilizados nomes fictícios como “Maria” e “Tereza”. Trazendo alguns pontos que chamaram atenção, pretende-se fazer uma reflexão com o texto de Silvio Gallo “Em torno de uma educação menor”, e utilizando a obra “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, com autoria de Jorge Larrosa Bondia, visa-se interligar ao que foi levantado pela entrevista e pontos pertinentes dessas obras.

A Entrevista

Na entrevista foi possível perceber uma série de pontos importantes para mencionar, porém, o que destacou-se foi o fato de duas professoras falarem sobre um mesmo ponto: a sobrecarga que sentem pelo fato de terem tanto conteúdo programático e lidarem com muita burocracia relacionada ao trabalho que exercem.

Umas das professoras falou que os alunos, por vezes, têm dúvidas sobre temas do cotidiano e de suas realidades, mas pela questão do pouco tempo que tem em sala, sendo 45 minutos cada aula, fica muito difícil atender a essas questões que geralmente instigam todos da sala a perguntarem também. Umas das dúvidas

recentes segundo o relato das mesmas seria sobre o jogo Baleia Azul, que consiste em uma série de desafios aos quais o participante vai gradativamente avançando em nível de auto mutilação e sendo o último desafio o suicídio.

O jogo virou uma febre entre os adolescentes e, segundo as professoras, comentários e casos referentes ao Baleia Azul eram frequentes. Maria deixa claro em sua fala a impossibilidade que o professor tem de lidar com esse tipo de demanda, uma vez que a sobrecarga daquilo que já está programado é grande.

> [...] eles até puxam um assunto e você vai por exemplo tentar esclarecer e focar naquilo mas, de repente, ai meu Deus eu tenho que preparar a aula, tenho que terminar pra fazer uma avaliação e não sei o que, então você já se preocupa mais com o conteúdo, vamos supor, e às vezes lá na frente você vê que aquele momento fez falta, entendeu? Porque eles se envolvem então, por exemplo, essa questão de automutilação é sempre:
> – Aí professora, olha aqui ó...
> - O que é isso?
> - Eu que me mordi.
> Então assim, né.
> - É professora ela faz isso, ela faz aquilo...
> Entendeu? Então entre eles, eles fazem pra chamar a atenção, pelo o que eu vejo, da gente ou dos pais, ou pra algum coleguinha e, às vezes, a gente não tem toda essa, esse tempo para estar orientando, vamos dizer assim, ou vendo o que realmente está acontecendo, porquê que está fazendo isso, como descobriu ou aprendeu, vamos dizer assim, entendeu? A gente sabe que acontece mas não sabe o porquê, ou como, se tem mais alguém do grupinho que faz isso, entendeu? (MARIA, 2017).

Esse é um recorte da fala de uma delas. Focando no que poderemos fazer conexão com o texto do Silvio Gallo “Em busca de uma educação menor”, o qual nos trará uma perspectiva diferente sobre o cotidiano da sala de aula, e quão necessário é possibilitar que o professor esteja disponível para atender a essas questões que surgem, o relato das professoras traz a visão de pessoas que estão no dia a dia da escola, e que vivenciam situações conflitantes, tanto para os alunos, como com as demais pessoas envolvidas. Como nos diz a professora Tereza, quando comenta sobre o sentimento de frustração, por sentir-se de mãos atadas quanto as necessidades de seus alunos.

> [...] e a gente as vezes não tem tempo de parar e ouvir porque você tem uma aula atrás da outra, e uma atividade atrás da outra, e ele não fez e daí de repente você vai ver que ele não fez lá no final, e vai chamar a atenção. E as coisas vão tomando uma proporção maior, acho que é muito urgente um espaço na escola pra nos ajudar, porque a gente até depois desses casos fica muito né, também desiquilibra e você também se cobra, poxa eu deveria ter conversado mais, deveria ter investigado mais [...] Coisas que

> acontecem assim a gente, parece que uma intuição nos fala que tem algo muito grave acontecendo mas até você chegar lá [...] (TEREZA, 2017).

Pelo relato das professoras fica evidente a pressão entre o que se gostaria de fazer e as obrigações que se tem enquanto profissional da área da educação.

Reflexão e ponto de encontro entre os textos e a entrevista

O texto “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, de Jorge Larrosa Bondia (2002), traz uma reflexão interessante sobre a experiência, como ela se dá, e o quão necessário é, nos dias de hoje, deixar de lado todo excesso de opinião, de informação, de aceleração, e vivenciar a experiência em si, permitindo assim ser transformado por aquilo que nos toca de um modo especial e que nos traz para uma reflexão profunda e contínua.

Utilizaremos inicialmente o texto de Silvio Gallo, onde o mesmo fala sobre educação maior, que seria a das políticas, dos ministérios, dos cargos e encargos e a educação menor, que é a sala de aula e o que acontece dentro desta.

> A educação maior é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da LDB, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. A educação maior é aquela instituída e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer. A educação maior é aquela dos grandes mapas e projetos (GALLO, 2002, p. 173).

A educação maior caracterizada pela legislação que rege o sistema educacional, pelo plano nacional, estadual e municipal da educação e por todos os projetos devidamente embasados, pensados e escritos, mas que, por vezes, acabam limitando o cotidiano da educação menor, que esbarra em questões técnicas e exigências, onde a mesma não necessariamente tem uma perspectiva voltada a como se dará o processo que irá oportunizar que o aluno possa verdadeiramente experienciar o seu momento de aprendizagem.

> As pessoas que trabalham em educação são concebidas como sujeitos técnicos que aplicam com maior ou menor eficácia as diversas tecnologias pedagógicas produzidas pelos cientistas, pelos técnicos e pelos especialistas, na segunda alternativa estas mesmas pessoas aparecem como sujeitos críticos que, armados de distintas estratégias reflexivas, se comprometem, com maior ou menor êxito, com práticas educativas concebidas na maioria das vezes sob uma perspectiva política. Tudo isso é

> suficientemente conhecido, posto que nas últimas décadas o campo pedagógico tem estado separado entre os chamados técnicos e os chamados críticos, entre os partidários da educação como ciência aplicada e os partidários da educação como práxis política (BONDIA, 2002, p. 20).

A educação menor, que é a do dia a dia da escola, da relação aluno e professor, e de tudo que possa estar envolvido no contexto escolar, enquanto experiência do aprender em si. A educação menor visa prover o necessário para dar possibilidades ao aluno, trabalhando através do que o mesmo irá apresentar, oportunizar encontros para que, trilhando seu próprio caminho, faça a experiência daquilo que lhe toca. Procura, dentro da realidade em que se encontra, ser agente de transformação e exercer uma postura militante a fim de produzir e extrair o melhor que se pode.

> Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância (GALLO, 2002, p. 173).

A exemplo do que trouxe a professora, quanto as exigências que as obrigam a deixar de lado aquilo que acontece naquele momento, demanda atenção e orientação para cumprir com uma burocracia conteudista que visa números e índices, que não necessariamente estão preocupados com como o processo está acontecendo e se está sendo eficaz enquanto ferramenta de confronto, modificação e crescimento para o indivíduo, mas sim para que o país seja visto com melhores resultados quanto pesquisas rasas e tendenciosas que apontam os indicadores no quesito educação.

> [...] e a gente as vezes não tem tempo de parar e ouvir porque você tem uma aula atrás da outra, e uma atividade atrás da outra, e ele não fez e daí de repente você vai ver que ele não fez lá no final, e vai chamar a atenção. E as coisas vão tomando uma proporção maior, acho que é muito urgente um espaço na escola pra nos ajudar, porque a gente até depois desses casos fica muito né, também desiquilibra e você também se cobra, poxa eu deveria ter conversado mais, deveria ter investigado mais [...] Coisas que acontecem assim a gente, parece que uma intuição nos fala que tem algo muito grave acontecendo mas até você chegar lá [...] (TEREZA, 2017).

Gallo (2002) nos fala sobre professor profeta e professor militante, onde o profeta é aquele que tudo sabe e aquele que diz o que deve ser feito e que procura

apresentar através da crítica do presente a possibilidade de um mundo novo. Já o professor militante é aquele que do seu pequeno mundo realiza pequenas transformações e que procura a cada ato seu de forma intensa e entregue procura possibilitar o novo.

> Hoje não há mais profeta capaz de falar do deserto e de contar o que sabe de um povo porvir, por construir. Só há militantes, ou seja, pessoas capazes de viver até o limite a miséria do mundo, de identificar as novas formas de exploração e sofrimento e de organizar, a partir dessas formas, processos de libertação, precisamente porque têm participação ativa em tudo isso. A figura do profeta seja ela a dos grandes profetas do tipo Marxou Lênin, está ultrapassada por completo. Hoje, resta-nos apenas essa construção ontológica e constituinte 'direta' que cada um deve vivenciar até o limite (NEGRI, 2001, p. 23-24).

O professor pode ser, ou não, participante da vida desses alunos e, através dessa participação, ele partilha de todas as misérias de seus alunos. Ele tem a possibilidade de ser agente de transformação nesse contexto. Quem mais poderia atuar de forma tão ativa na vida desses indivíduos quanto aquele que está dia após dia próximo, acompanhando as lutas, as vitórias e singularidade de cada um? Mas é necessário estar entregue a esse processo, quebrando aquilo que a educação maior impossibilita e adentrando de forma militante como nos diz o autor nessa causa.

> Então o professor militante seria aquele que vivendo as misérias dos alunos ou as misérias da condição social da qual ele participa procuraria, coletivamente, ser um vetor da produção de superação, de condições de superação dessa miséria, ser um vetor de libertação, de possibilidades de libertação (GALLO, 2002, p .171).

Ao trazer o relato das professoras é possível perceber o desejo de ser militante, de estar com o aluno disponível para suas misérias, para assim auxiliar na superação de determinadas situações que são enfrentadas pelos mesmos e que, por vezes, sentem falta de alguém que pode desempenhar esse papel de professor-militante nas suas vidas.

> As políticas, os parâmetros, as diretrizes da educação maior estão sempre a nos dizer o que ensinar, como ensinar, para quem ensinar, porque ensinar. A educação maior procura construir-se como uma imensa máquina de controle, uma máquina de subjetivação, de produção de indivíduos em série (GALLO, 2002, p. 174).

É importante colaborar e incentivar os indivíduos a tomarem posturas críticas, pensantes e autônomas, que possam pensar fora da caixa, tenham senso crítico e atitudes revolucionárias. Não podemos nos conformar com uma educação que limita nossos indivíduos, resultando numa sociedade que não questiona. Corromper o sistema educacional não será suficiente para acabar com a resistência daqueles que exigem o que lhes cabe como direito. Na era da informação tudo acontece muito rápido, somos bombardeados de todos os lados e isso nos impossibilita de fazer a experiência como aquilo que nos é transmitido. Não há oportunidade de parar e pensar se algo nos chega de maneira mais profunda.

> A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece (BONDIA, 2002, p. 23).

O professor é peça fundamental na formação dos indivíduos de nossa sociedade, faz-se necessário garantir que estes possam ser autônomos, dentro de seus métodos, e livres para colaborarem com o desenvolvimento das pessoas no todo.

> Aprender vem a ser tão-somente o intermediário entre não-saber e saber, a passagem viva de um ao outro. Pode-se dizer que aprender, afinal de contas, é uma tarefa infinita, mas esta não deixa de ser rejeitada para o lado das circunstâncias e da aquisição, posta para fora da essência supostamente simples do saber como inatismo, elemento a priori ou mesmo idéia reguladora. E, finalmente, a aprendizagem está, antes de mais nada, do lado do rato no labirinto, ao passo que o filósofo fora da caverna considera somente o resultado – o saber – para dele extrair os princípios transcendentais (DELEUZE, 1988, p. 270).

Há aprendizado em conversas descontraídas em sala de aula sobre temas do interesse dos alunos, também há aprendizado na escuta do professor que quer participar do processo de crescimento do seu aluno. Permitir-se experienciar os momentos, pode ser de uma riqueza imensurável, romper com os limites que separam e delimitam a relação aluno e professor como algo distante e assimétrico é um passo fundamental para ser professor-militante e também para dar sua

contribuição para que a educação de qualidade, a educação menor, possa ser efetiva e transformadora em nossa sociedade.

> A permanência do potencial de uma educação menor, a manutenção de seu caráter minoritário está relacionada com sua capacidade de não se render aos mecanismos de controle; é necessário, uma vez mais, resistir. Resistir à cooptação, resistir a ser incorporado; manter acesa a chama da revolta, manter em dia o orgulho da minoridade, manter-se na miséria e no deserto. Educação menor como máquina de resistência (GALLO, 2002, p. 177).

Que tenhamos claro em nossa mente o objetivo de fazer a diferença, seja por grandes ações como também por pequenas atitudes, mas diárias. Que o nosso foco seja numa educação que permita ao sujeito realizar a experiência e se transformar, e que possa servir de combustível quando as forças contrárias nos desanimarem.

> A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDIA, 2002, p. 24).

É preciso desacelerar para entender que o mais importante não se dá no acúmulo de informações ou na corrida contra o tempo, mas sim, estar ali e experienciar o momento permitindo que as experiências possam nos tocar e modificar nossa visão, e nos transformar enquanto seres humanos que veem, que sentem, que escutam, que vivem e promovem a vida em plenitude através do processo de educação, e se utilizando das oportunidades de encontro com o outro.

Considerações Finais

Ser profissional da área da educação não é uma tarefa fácil, pois sempre existe esse confronto entre uma imensa demanda de alunos carentes de um tipo de atenção mais específica, de um olhar mais atencioso para seus medos, anseios e o desejo de aprender passando pela experiência do aprendizado em si, porém há a educação maior que vem engolindo a boa vontade e disposição daqueles que se propõem a ser diferença e fazer diferença no ambiente onde então vivendo, não de

uma maneira visionária, mas sim no aqui e no agora, no cotidiano da escola que necessita de uma ação urgente e militante como já falamos acima .

A esperança e o desejo de não sermos engolidos pela máquina reguladora e limitante deve ser maior que receio de não ser aceito ou de não se encaixar nos padrões estipulados por aqueles que não fazem educação, mas que de longe, muito longe tem um foco distorcido e distante do que realmente importa. Promover uma educação menor é um meio de agir de forma ética, sendo para si e para seus alunos um bom exemplo de não corrompimento e de, acima de tudo, responsabilidade com um futuro melhor, possibilitando esperança a partir de posturas como esta.

Muitos indivíduos tem um potencial tremendo, mas que se quiserem se enquadrar dentro dos parâmetros de uma sociedade míope, serão corrompidos por um sistema que não visa o sujeito em sua singularidade, mas sim na sua funcionalidade. Ser militante é ser comprometido com o futuro e colaborar para que ele seja melhor.

REFERÊNCIAS

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

GALLO, S. Em torno de uma educação menor. **Educação e Realidade**, v. 27, n. 2, p. 169-178, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926>. Acesso em: nov. 2017.

NEGRI, A. **Ext1io**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

INTERVENÇÃO ESCOLAR: A NECESSIDADE DE UMA AÇÃO COLETIVA PARA MELHOR DESENVOLVER A APRENDIZAGEM

Débora Cristina Olinek

> Apesar dos fatores que contribuem para o suicídio variarem entre grupos democráticos e populações específicas, os mais vulneráveis são os jovens, os mais idosos e os socialmente isolados, como a população indígena (BARROS; MONALISA, 2013, p. 10).

Inicio destacando que, ultimamente, crianças e jovens vêm sofrendo muito com certas questões e traumas como *bullying*, automutilação e suicídio, e que, apesar de ser um trabalho demorado e difícil, por meio de um trabalho coletivo é possível intervir nesta realidade, tornando a vida de crianças e adolescentes menos difíceis e evitando certos traumas ou, no mínimo, amenizando-os.

> Uma grande questão vinculada ao suicídio é que a prevenção, de forma global, é possível. Logo, os comportamentos suicidas podem ser contextualizados como um processo complexo, que pode variar desde a ideia de retirar a própria vida, que pode ser comunicada por meios verbais e não verbais, até o planejamento do ato, a tentativa e, no pior dos casos, a morte (BARROS; MONALISA, 2013, p. 10).

Este foi o foco do trabalho desenvolvido em uma escola na cidade de Rio Negrinho. Juntamente com outras três colegas, falamos um pouco sobre o tema no intuito de alertar estudantes e professores ali presentes e prevenir que mais casos de automutilação e suicídio venham acontecer.

Além de falarmos sobre automutilação e seus sintomas, suicídio e o que podemos fazer para tentar ajudar pessoas que possam pensar em suicídio, destacamos o jogo Baleia Azul, ação solicitada pela escola, por ter muita repercussão na sociedade recentemente.

Nosso principal objetivo foi trazer este assunto para que eles pensassem a respeito e percebessem que realmente faz parte de nossa realidade, orientando-os a buscar ajuda, caso percebam algum caso na escola, e alertando-os de que esta não é a saída.

Após a prática dessa atividade, buscamos um retorno dos professores e da direção da escola sobre o trabalho realizado. Entrevistamos quatro professores para

saber sobre várias questões, dentre elas, os principais problemas que têm observado na escola, na sala de aula.

Dificuldades Encontradas pela Escola

Dentre todas as dificuldades, a falta do acompanhamento da família na escola foi a mais destacada. Os professores acreditam que teriam mais facilidade se houvesse mais união entre direção, professores e pais.

Os professores não veem uma mudança ou melhora no comportamento dos alunos ao entrar em contato com os pais, destacaram que falta muito esta questão de um respeito maior que havia no passado, acreditam que os pais, muitas vezes por estarem muito atarefados, deixam a responsabilidade de solucionar as dificuldades dos alunos apenas à escola, quando este papel feito em conjunto, pelos vários parceiros no processo educacional, consequentemente teria um resultado muito mais eficaz. Pais muitas vezes não conseguem acompanhar a vida escolar de seus filhos por causa do trabalho, formando assim um vínculo muito baixo.

"Muitos pais veem a escola como um benefício e não um direito e confundem qualidade com a possibilidade de uso da infraestrutura e dos equipamentos públicos. Isso de nada adianta se a criança não aprender", aponta Gustavo Heidrich (*apud* CARVALHO, 2009, p. 1).

Segundo o autor, os pais devem passar a observar a educação dos filhos como um direito, o ideal seria o incentivo dos pais na aprendizagem de seus filhos. Claro que não é tão simples, como já citado, é preciso haver conciliação das tarefas que cada pai precisa desenvolver durante seu dia. Para tentar solucionar ou no mínimo amenizar esta situação que a escola e os professores vem sofrendo, a própria escola deveria criar uma estratégia para manter estes pais mais presentes na educação de seus filhos, mas, na fala de uma professora, a dúvida no que realizar para atrair os pais é muito presente: “Ah, se eu tivesse a solução!”

A professora destaca ainda que, muitas vezes, como não conhecem a vida pessoal de cada aluno, não sabem o que se passa em casa, que fica muito difícil tentar ajudá-los quando percebem que eles têm dificuldades ou quando demonstram algum comportamento inesperado, o que mostra, mais uma vez, o quanto faz falta a interação da escola com os pais. Ela acredita se a criança tivesse um bom suporte em casa tudo seria facilitado, pois, segundo ela, “Educação vem da família”.

Uma aprendizagem eficaz hoje depende de um conjunto: família, escola, sociedade, cada um tem seu papel indispensável. Se a família dá esse apoio educacional e a escola também cumpre seu papel, este é um fator que favorece a aprendizagem do aluno; caso contrário, surge aí um fator que dificulta a aprendizagem, pois o meio e a bagagem que o aluno traz podem influenciar no processo de aprender.

Ainda no depoimento da professora, foi relatada a falta que um psicólogo faz dentro da escola. Ela afirma que falta conhecimento para resolver certas situações, para conversar com os alunos, e acredita que um psicólogo, ou um estagiário em psicologia, faria toda a diferença nessas questões, vindo então para somar com a escola e a família, tornando-se mais um parceiro no processo de aprendizagem.

Percebo que estamos ainda muito presos a um padrão escolar, em que o aluno deve ter sempre as melhores notas, deve-se mostrar sempre muito bom em todas as matérias e, se não atingir esse resultado esperado pela família e professores, muitas vezes é rotulado. Aqui se encaixa novamente o emparceiramento entre família e escola.

O ideal seria que a parceria presente nesse processo de aprendizagem, além de dar suporte, percebesse também as principais dificuldades de aprendizagem do aluno e ajudasse a solucioná-las. O mais importante é que haja aprendizagem de verdade, que possamos observar que de fato o aluno adquiriu conhecimento sem a pressão da necessidade de ter nota, pois, muitas vezes, a dificuldade de cada um é deixada de lado e o que importa são somente notas e rótulos, que, se fossem menos importantes que o verdadeiro aprender destes alunos, o resultado seria muito mais produtivo e poderia causar muito menos traumas a esses alunos.

Impacto da intervenção

Há uma grande necessidade de tratar temas que tanto prejudicam essas crianças e adolescentes, por exemplo, o bullying, a automutilação e o suicídio. Uma das questões que procuramos trazer para a conversa com esses professores foi o impacto causado entre os alunos e até mesmo entre os professores após essa interação.

> Os atos de *bullying* ferem princípios constitucionais – respeito à dignidade da pessoa humana – e ferem o Código Civil, que determina que todo ato ilícito que cause dano a outrem gera o dever de indenizar. O responsável pelo ato de *bullying* pode também ser enquadrado no Código de Defesa do Consumidor, tendo em vista que as escolas prestam serviço aos consumidores e são responsáveis por atos de *bullying* que ocorram dentro do estabelecimento de ensino/trabalho (CAMARGO, 2007, p. 1).

Em contato com esses professores, um deles afirmou que especificamente na turma com que trabalhamos, o tal ato de violência se fazia muito presente, mas que diminuiu consideravelmente após a conversa conosco. Outra professora confirmou que os alunos se mostraram muito preocupados e atentos em relação ao assunto.

Pudemos observar então que falar, conversar, alertar, prevenir pode fazer, sim, toda a diferença e que, dessa forma, é possível evitar ou amenizar muitos dos problemas que essas crianças e adolescentes vêm enfrentando. Apesar de muitas pessoas afirmarem que não é suficiente, é um trabalho que — se levado a sério não apenas por profissionais e estudantes de áreas que se preocupam com o bem-estar desses estudantes, mas também pela sociedade em si, cumprindo seu papel — pode, sim, surtir muito efeito.

Pudemos perceber pela fala dos professores que sentem a necessidade de mais atividades desse tipo realizadas na escola. Eles nos contaram que muitas vezes não têm tempo de parar o conteúdo para tratar sobre tais assuntos com os alunos e que, mudando um pouco esta rotina escolar, os alunos ficam muito mais atentos quando o assunto é trazido por pessoas de fora da escola.

Por alguns contratempos ocorridos no dia da entrevista, a direção da escola não conseguiu nos dar o retorno esperado com os professores. Mas no dia da atividade tivemos a oportunidade de conversar um pouco sobre o assunto com ela, e pudemos perceber um pedido de ajuda presente em sua fala. Ela destacou que é muito necessário esse tipo de trabalho realizado dentro da escola, mas que ainda é muito raro, e nos solicitou que continuássemos com a atividade, pois sabia da importância do assunto.

Para encerrar, quero destacar, mais uma vez, a importância do coletivo no que tange ao processo da educação.

> Na educação menor todo ato adquire um valor coletivo. O educador-militante, ao escolher sua atuação na escola, estará escolhendo para si e para todos aqueles com os quais irá trabalhar. Na educação menor, não há a possibilidade de atos solitários, isolados; toda ação implicará em muitos

> indivíduos. Toda singularização será, ao mesmo tempo, singularização coletiva (GALLO, 2014, p. 1).

Não há uma receita pronta de como ajudá-los, do que fazer exatamente, mas eles precisam ouvir e ser ouvidos, precisam de limites e, ao mesmo tempo, apoio para alcançar uma “liberdade”; como consequência teremos jovens mais seguros e que encontraram o apoio das pessoas que fizeram parte no processo educacional de cada um para passar pelas dificuldades que são encontradas na infância e adolescência.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, O. Bullying. **Brasil Escola**. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>. Acesso em: 15 mar. 2018.

GALLO, S. Em torno de uma educação menor. **Territórios da Filosofia**. 2014. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/06/21/em-torno-de-uma-educacao-menor-silvio-gallo/>. Acesso em: 14 mar. 2018.

HEIDRICH, G. A escola da família. **Gestão Escolar**. ago. 2009. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/751/a-escola-da-familia>. Acesso em: 28 set. 2017.

SUICÍDIO, AUTOMUTILAÇÃO E BALEIA AZUL: ANÁLISE DA INTERVENÇÃO ESCOLAR

Débora Yasmini Miranda Lopes

O presente trabalho busca trazer relatos que mobilizaram a realização da intervenção escolar, desenvolvida dentro dos temas: Suicídio, automutilação e sobre o jogo Baleia Azul. Com uma perspectiva da Psicologia Escolar, a intervenção foi realizada em forma de palestra, sendo estendido a um segundo momento de entrevista de investigação com profissionais da escola e finalizado com discussão em sala e orientação.

O projeto deu início com o professor Rafael Christofoletti, que orientou a realização da intervenção escolar, direcionada aos alunos adolescentes do ensino fundamental, de 6º a 9º ano. O tema solicitado pela escola foi sobre a automutilação, do jogo baleia azul e do suicídio, temas delicados, mas de extrema importância a serem abordados.

Intervenção Escolar e Concepções

A intervenção precisa acontecer a partir do momento que há necessidade, esse é o pensamento comum, mas, a intervenção pode ocorrer antes de haver a necessidade. O problema não precisa ocorrer para assim tomar iniciativa, é importante prevenir para que as situações problemáticas não aconteçam.

Para que essa intervenção ocorresse foi investigado: o público alvo, a cultura da escola, o ambiente físico e a assertividade com os profissionais presentes para que não houvesse impressão de invasão nem de constrangimento.

Devido à faixa etária do público foi extremamente necessário ir a fundo ao processo de desenvolvimento do adolescente para poder alcançar o principal objetivo, que foi a potencialização do sujeito, no caso o entendimento dos alunos e a conscientização. Para Aberastury:

> A adolescência é um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento. Esse processo atravessa três momentos fundamentais: o primeiro é o nascimento, o segundo surge ao final do primeiro ano com a eclosão da genitalidade, a dentição, a

> linguagem, a posição de pé e a marcha; o terceiro momento aparece na adolescência (1990, p. 15).

A adolescência é uma fase de transição da infância para a vida adulta e esse processo que estrutura o indivíduo é marcado por quatro lutos: luto do corpo infantil, luto pela perda da identidade infantil, luto pelos pais da infância e luto pela bissexualidade infantil. Como também é marcada por características na personalidade, como cita Aberastury em seu livro Adolescência Normal: A Busca de Si mesmo e da identidade, tendência grupal, a necessidade de intelectualizar e fantasiar, as crises religiosas, deslocalização temporal, evolução sexual, atitude social reivindicatória, contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta, separação progressiva dos pais e constantes flutuações de humor e do estado de ânimo.

> Nessa busca pela identidade, o adolescente muitas vezes prefere o caminho mais fácil, fazendo identificações maciças com o grupo. Em outras situações, ele opta por uma 'identidade negativa', já que para ele, 'é preferível ser alguém perverso, indesejável, a não ser nada' (ABERASTURY; KNOBEL, 1989, p. 32).

Devido a esse processo verificou-se que é preciso ter o cuidado de enxergar a automutilação e traços que podem levar ao suicídio, como reflexo de um processo mal resolvido, com frustrações delicadas e que em algum momento é muito difícil de suportar pela pessoa, e esta precisa de ajuda. Este tipo de situação pode vir aparecer no contexto escolar, pois é o local onde o adolescente passa grande parte do seu tempo e principalmente em grupo.

A escola tem grande importância para o adolescente, tanto para o conhecimento e aprendizagem, quanto para o preparo emocional. Mas nem sempre os profissionais da escola compreendem sua função e seu referencial para o desenvolvimento psíquico do aluno.

A Intervenção

Partindo de estudos na área, a intervenção escolar aconteceu em forma de palestra, realizada no período da manhã. A escola escolhida foi muito receptiva e disponibilizou o palco principal, som, e outros dispositivos.

Para os alunos o momento foi de relaxar e sair do ambiente de sala de aula para algo diferente. Todos trouxeram sua cadeira e logo foram se organizando no espaço. Percebeu-se um grande interesse no assunto por parte deles, pois prestaram muita atenção na palestra.

Foram utilizados mecanismos para reforçar a atenção de todos, principalmente focada na mudança de estímulos e na linguagem de fácil acesso, para que assim se sentissem como pessoas em igualdade, talvez amigos e não somente como autoridades. A apresentação começou com um alongamento e exercício físico, seguindo com as explicações das emoções, sentimentos, automutilação, como acontece e porque acontece. Um vídeo motivacional também foi utilizado contando a história de um sapo surdo que não pode ouvir as palavras de desmotivação dos amigos e por isso pode superar seus obstáculos. A partir disso os amigos do sapo percebendo que estavam desmotivando-o, mudaram sua conduta.

Entre uma apresentação e outra foi deixado aberto aos alunos para comentarem. As explicações seguiram, chegando a uma explanação do suicídio, houve a explicação do jogo baleia Azul, como funciona, relatos de pessoas que jogaram e não chegaram ao suicídio, assim houve a sugestão do jogo Baleia Rosa, que seria o jogo positivo.

Para finalizar a apresentação foi realizada uma dinâmica. Cada aluno recebeu uma folha em branco, a caneta todos trouxeram da sala como foi solicitado aos professores antes dos alunos irem para o palco. Ao iniciar a dinâmica, foi solicitado a todos a desenhar a sua pessoa, após isso foi solicitado escrever nas mãos duas qualidades, no pé algo que queira vencer, no coração seu sentimento no momento e na cabeça seus sonhos.

Houve um tempo para reflexão e esse foi o objetivo, ao tratar da nossa vida não há como não achar defeitos, tristezas e situações a serem melhoradas, e nem sempre é o fim, mas devemos ver que temos qualidades e potencial para seguir adiante, pois vale a pena continuar, ainda existem sonhos e uma vida toda pela frente.

Quando os alunos saíram foi distribuído um pirulito de coração para simbolizar a mensagem da dinâmica, com um papel grampeado escrito: “Você é mais forte do que imagina”. Foi sugerido guardar o papel da dinâmica em um local especial para poder lembrar-se desse momento.

Após a Intervenção Escolar, foi relatado ao psicólogo orientador as perspectivas das intervenções, ressaltando o comportamento dos alunos frente à palestra e a nossa percepção quanto a assertividade nos assuntos tratados.

Dentro desta orientação, após três meses foi proposta uma entrevista investigatória na escola com os profissionais presentes na palestra, coordenadores e professores que acompanham os alunos dia a dia. O objetivo foi acompanhar a repercussão dos temas: Automutilação, Suicídio e do jogo Baleia Azul, com a intenção de dar suporte aos professores como ouvintes da sua demanda, entender mais a fundo o que acontece na escola, casos de alunos, problemas na educação e ter uma avaliação da palestra em relação ao comportamento dos alunos.

Ao iniciar as entrevistas foi informado aos profissionais qual era a nossa função ali, o sigilo e proteção da identidade dos participantes e, portanto, solicitado à assinatura do termo de consentimento livre esclarecido. As perguntas foram montadas pelo orientador com os acadêmicos, podendo ser respondidas pelos profissionais de forma direta ou até explanando o assunto.

Foi utilizado o uso do gravador na entrevista como recurso de consulta caso não fosse anotado tudo em folha. As perguntas foram feitas e os profissionais da escola responderam sem problemas com muita disposição levando a sério a nossa intervenção.

Ao ser questionado como é visto a questão da automutilação, do suicídio e do jogo baleia azul no ambiente escolar, disseram que o assunto estava muito em alta entre os alunos, relataram também de casos na escola de automutilação. Foi perguntado sobre a ação tomada pela escola nos casos de alunos se cortando, a professora explicou que se chama o aluno para conversar e depois é chamado os pais para informar, tomando as atitudes necessárias.

Na opinião dos profissionais da escola a palestra foi muito positiva. Os alunos já tinham noção do tema, mas depois da palestra o tema ficou mais claro, houve clareza e foi quebrado o gelo de todo o suspense do jogo baleia azul.

Para os professores a maior dificuldade é se atualizar nesses temas tão diversos e suprir os conteúdos que precisam ser passados em sala de aula. O pouco tempo em sala e a quantidade de aluno para somente um professor não é o suficiente, segundo eles. Também foi ressaltado, a dificuldade da escola na acessibilidade da internet e o mundo tecnológico que é tão interessante para os

adolescentes, pois como evolui com muita rapidez nem sempre os profissionais conseguem se atualizar no mesmo ritmo.

Uma das sugestões que chamou atenção foi a de uma professora que sonha com uma escola mais tecnológica, que a educação chame tanto a atenção dos alunos quanto os aplicativos da internet, e para isso é necessário que a escola se atualize também nos mecanismos de ensino.

A visão da professora remete muito a filosofia de Deleuze que acredita na mudança e na educação de forma revolucionária, como algo que deva ser interessante, essencialmente reflexiva. Cada educando deve refletir sobre sua prática educativa.

> Não fazemos nada de positivo, mas também nada no domínio da crítica ou da história, quando nos contentamos em agitar velhos conceitos estereotipados como esqueletos destinados a intimidar toda criação, sem ver que os antigos filósofos, de que são emprestados, faziam o que já se queria impedir os modernos de fazer: eles criavam seus conceitos e não se contentavam em limpar, em raspar os ossos, como o crítico ou o historiador de nossa época. Mesmo a história da filosofia é inteiramente desinteressante, se não se propuser a despertar um conceito adormecido, a relança-lo numa nova cena, mesmo a preço de voltá-lo contra ele mesmo (DELEUZE, 1992, p. 109).

Devido ao grande interesse em saber a perspectiva dos professores, foi questionado aos mesmos como a psicologia pode ajudar na escola. E a resposta foi muito semelhante, na escola não tem psicólogo para atender a demanda dos alunos e dos professores, então eles se viram como podem, o psicólogo é muito importante, podendo dar suporte mais rápido em situações problemáticas, tem uma visão diferente do que acontece e principalmente tem liberdade de tempo e de espaço para ficar a sós.

Discussão e Problematização: Algumas Considerações

Ao finalizarmos os dois momentos na escola, foi discutido em sala de aula sobre as palestras e as entrevistas. Revendo conceitos propostos, entendendo a realidade de automutilação e de suicídio nas escolas da região. Problematizou-se que as queixas não estão só nos alunos, mas no contexto familiar, escolar e nas políticas públicas.

A entrevista foi realizada na sua maioria com os professores, e entender a sua angústia, seus sonhos e projetos faz com que passamos para um próximo passo de conscientização e propriedade no assunto. Dentro da teoria de Gallo, referida à educação menor, todo ato tem um valor coletivo, relações diretas entre os indivíduos exerce efeitos sobre as macrorrelações sociais.

> Não interessa à educação menor criar modelos, propor caminhos, impor soluções. Não se trata de buscar a complexidade de uma suposta unidade perdida. Não se trata de buscar a integração dos saberes. Importa fazer rizoma. Viabilizar conexões e conexões; conexões sempre novas (GALLO, 1995).

Com esse trabalho foi possível estabelecer conexões, transmitir conhecimento aos alunos, conversar com os profissionais da área, mas, foi possível perceber que ainda há muito a ser feito na educação. O sofrimento é real e ele está em todos os lugares. No mundo que em vivemos as demandas são grandes e vastas para os psicólogos e profissionais da saúde em diversos âmbitos. Promover uma qualidade de vida deve ser o foco principal.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Trad. S. M. G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DELEUZE, G. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GALLO, S. **Deleuze & a educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

LEITE, C.; GALLO, S. **Educação, psicologia e contemporaneidade**. São Paulo: Editora Cabral, 2000.

SOUZA, T. S. **Adolescência normal.** Disponível em: <http://extensao.cecierj.edu.br/material_didatico/sau2202/pdf/aula%202_leitura_ADOLESCENCIA_NORMAL.pdf>. Acesso em: 28 set. 2017.

"O PROBLEMA É MEU... É NOSSO!": O RELATO DE UMA PROFESSORA

Elisa Aparecida Hacke Ramos

Antes, durante e depois da busca por uma entrevista surgem vários sentimentos. Assim, tentarei nesse capítulo expressar o que ocorreu. O presente trabalho foi pensado em dois momentos: primeiro seria trazido o relato da professora; em seguida, seria feito um breve comentário a respeito dele.

Antes de a entrevista ser realizada, com a ajuda do professor e da coordenadora do curso, foi possível um encontro com alunos e professores de uma determinada escola pública, e o foco a ser abordado foi decidido: Baleia Azul e Automutilação. A partir desta intervenção, procurou-se conhecer a dinâmica escolar, bem como orientar os alunos em relação aos temas citados. Depois de um tempo, em busca por mais conhecimentos e por saber de que maneira a visita repercutiu na escola e nos alunos, foi marcada uma nova visita. A professora nos recebeu calorosamente, e iniciamos as perguntas. Ela passou a falar sobre a dinâmica aplicada no dia da intervenção e do quanto os alunos gostaram da brincadeira, um dependendo do outro, relatando a importância do trabalho em grupo.

Com relação à Baleia Azul e à automutilação, a professora relatou que existem pessoas que "influenciam o mal", e que muitos alunos infelizmente se deixam levar por exemplos e comportamentos não apropriados. Relatou o caso de um aluno que, em plena sala de aula, começou a se cortar usando a lâmina de um apontador. A professora, vendo aquilo, perguntou-lhe "o que você está fazendo? Isso aí deixa marcas para vida inteira, é uma coisa que dói. Por que isso?", ao que ele respondeu "não sei". Questionada sobre o procedimento que a professora tomou, relata:

> Eu chamei ele pra conversar. Conversei com ele, perguntei, por que ele tava fazendo aquilo, né? Daí falei que isso, né, deixa marcas pra vida inteira, né, que ele não precisa fazer isso, que tem outros meios de, às vezes, de ele mesmo resolver alguma coisa que você sente, né, então eu conversei com ele. E daí eu pensei: 'não, é melhor, eu encaminhar pra direção'. Porque a direção, pra ela estar sabendo, né, do que está acontecendo também (Trecho de entrevista).

Como fora orientada pela direção escolar, a professora inicialmente conversa com o aluno, pois, como vivenciou aquele momento, tem uma visão melhor da

situação. Se a professora mandasse o aluno direto para a direção, a diretora não teria como saber da total veracidade do ocorrido, podendo ter outra interpretação.

Segundo a professora, talvez os alunos queiram chamar a atenção para si, demonstrar que são heróis, fortes, e então se envolvem com grupos para se fortalecer. Também se espelham em cantores ou bandas famosas. Contudo, independentemente do grupo em que estão inseridos, ou qual estilo de música ouvem, ninguém é obrigado a fazer ou cometer algo que prejudique a si ou a outro.

Fatores como drogas também são percebidos dentro da escola. Partindo destes comportamentos, buscam-se atividades que levam a uma reflexão, como projetos “Ler e Aprender” para o sexto ano, incentivo ao interesse pela leitura, buscando novos conhecimentos e o despertar de curiosidades. Há também projetos como o “Influenciar o Bem”, para sétimo e oitavo anos, em que se busca uma forma da percepção do bem o do mal, na elaboração de cartazes com propostas de neles se colocarem grupos musicais com os quais os alunos mais se identificam. O intuito deste processo é a busca da opinião própria, sem a influência dos outros, para que os alunos encontrem, assim, sua personalidade e saibam lidar com as diferenças.

Com a turma do nono ano, o projeto foi “As Escolhas Modelam Nossas Vidas”, já que nesta idade os alunos precisam pensar um pouco no futuro. Foi elaborado um trabalho para que eles identificassem os defeitos e qualidade de cada profissão, e percebessem que existem muitas profissões boas com as quais eles poderiam se identificar. Muitas vezes é nesta fase que surgem os conflitos e dúvidas, pois os alunos nesta geração vivem uma intensa metamorfose; muitas vezes sem perspectivas de vida e iludidos pelo ganho do dinheiro fácil acabam se envolvendo no mundo das drogas.

Diante disso, busca-se estabelecer um vínculo entre professor e aluno. Mas este trabalho só terá um resultado positivo com a participação dos pais ou responsáveis. Segundo a professora, esse é um dos principais problemas que a escola enfrenta, pois muitas vezes, por falta de comunicação de ambas as partes, problemas aumentam ou não são resolvidos.

Com o princípio de que a educação deve se iniciar em casa, de que adianta os pais educarem os filhos se, ao chegar à instituição, onde o aluno passa a maior parte do tempo, não é necessário seguir nenhuma regra? Num primeiro momento, a responsabilidade recai sobre a família, depois sobre a escola, e então sobre a sociedade. A escola também é responsável pela disciplina do aluno, mas muitas

vezes encontra resistência por parte dos próprios pais, que não comparecem às reuniões, ou nem mesmo recebem o pedido para buscar o boletim do filho.

Dentro de uma escola há uma diversidade de culturas familiares; por isso não é difícil encontrar problemas: pais presos, separados, lar sem estruturas materiais e emocionais, onde não se consegue transmitir os valores que necessários para uma criança crescer com respeito e educação. Em alguns casos, os pais querem dar tudo o que não tiveram, sem impor nenhum limite. É preciso que o aluno saiba que a cobrança é feita pela escola visando a busca de uma parceria, e que, se for necessário fazer uma mudança, que aconteça para favorecer a todos – numa troca de experiências.

Muitos alunos têm dificuldade de aprendizagem, mas, quando seus casos são analisados mais a fundo, descobre-se que têm problemas psicológicos, família desestruturada ou enfrentando problemas financeiros, pais se separando etc. Se o estado psicológico desta criança não é bom, isso possivelmente repercute em sala de aula, dificultando sua aprendizagem.

Perguntou-se à professora sobre a importância da atuação de um psicólogo junto à escola:

> Sim, porque igual eu falei, eu às vezes me sinto psicóloga! Porque eu tento ajudar o aluno! Eu quero ali, de uma forma [...]. Só que eu não tenho esse preparo, né? Eu tenho. Só que a gente, né, eu fico ali dez, quinze minutos, só falando o que eles precisam fazer, que é importante estudar. Mas às vezes o problema é maior! E ali o aluno vai estar lá na sua casa, pensando lá no problema. Porque eu vejo que a idade deles, eles têm muitos problemas (Trecho de entrevista).

Diante de todas estas questões, a presença de um psicólogo ou mesmo de um estagiário dentro da escola seria de grande valia, visto que o aluno, diante de outro profissional, individual, consegue de alguma maneira falar mais abertamente, desabafar o que está sentindo. Entretanto, mesmo sendo dada atenção aos que mais necessitam de apoio, ainda se percebe certa resistência desses alunos em uma aproximação, para serem ajudados de alguma maneira. Com certeza a parceria de um profissional da área de Psicologia viria para acrescentar.

Mesmo amando trabalhar na educação, momentos de frustração aparecem. Um planejamento completo é feito, a aula é elaborada, muitas vezes agendada, mas datas não são cumpridas, o material não recebe cuidado – uma total falta de responsabilidade.

As seguintes perguntas e respostas foram feitas pela própria professora: “Qual a educação ideal para meu filho? Não tem! E mesmo que tivesse, cada um vai fazer da forma que achar melhor. Uma visão diferente de valores e responsabilidades”.

Algumas conclusões

Hoje, a escola ocupa grande parte da vida dos alunos, ensinando metodologias, ideias e valores, substituindo as famílias na orientação para a vida sexual, profissional e moral. Mas estão a escola e os professores dispostos a cumprir esta tarefa? Os professores dispõem de técnicas e métodos adequados para cumprir tal função? Cada aluno chega à escola com um problema de aprendizado diferente. O professor está preparado para olhar para esta criança e lidar com seus problemas emocionais e conflitos internos?

Hoje existem vários transtornos psicológicos que muitos alunos enfrentam, dentro e fora da escola, que necessitam de investigação e atenção especial; muitos professores não estão capacitados para diferenciar problemas emocionais, neurológicos, biológicos ou culturais. Muitos profissionais da educação insistem em lançar os problemas às famílias, não levando em conta que os tempos mudaram, mas a estrutura de ensino não. Permanece um discurso que se pauta no baixo investimento direcionado às escolas públicas, na falta de estrutura para um ensino de qualidade, na ausência de instituições suficientes para todos que precisam e baixos salários. No entanto, não há como pensar a escola independentemente da sociedade na qual está inserida: a escola é um reflexo da sociedade no seu todo.

Os problemas encontrados dentro de uma escola são multifatoriais, e sua solução não é mágica. Não existe uma única resposta, um fator que, sozinho dê conta do fracasso escolar e dos problemas de aprendizagem. É necessário reconsiderar novas propostas, tendo em conta todo o complexo conjunto de determinantes que interferem no processo escolar. Para Caldas, seria importante:

> [...] pensar a escola em movimento. As queixas, a inteligência, a subjetividade, as relações, devem estar em movimento. Levar em conta o contexto sócio-histórico como pano de fundo para a compreensão dos processos escolares, movimentando laudos, discursos, atestados, possibilidades, é função preponderante do psicólogo. Entender a queixa e o fracasso escolar como uma circunstância, como um momento que poderá

> alterar-se e não precisará ser sempre do modo como está hoje, conduz a uma possibilidade de pensar alterações a partir de um processo de transformação (CALDAS, 2015, p. 32).

O insucesso de uma criança na escola é oriundo de um conjunto de fatores que merecem cautela e cuidados. Faz-se necessário diferenciar problemas específicos e buscar ações eficazes juntos de grupos interdisciplinares e multidisciplinares, muitas vezes evitando assim uma medicalização desnecessária.

Diante de tantos problemas a serem solucionados, devemos ter consciência de sua existência e assumi-los como algo que nos diz respeito, pois, ao julgá-los, ele também torna-se nosso. Vale uma pergunta a ser feita por todos: o que eu posso fazer para contribuir e melhorar o que precisa ser melhorado?

REFERÊNCIAS

CALDAS, R. F. L. Fracasso escolar: reflexões sobre uma história antiga, mas atual. **Psicologia:** teoria e prática, v. 7, n. 1, p. 21-33, jun. 2005.

CASADORE, M. M. Problemas escolares na atualidade. **Psicologado**. 2009. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/problemas-escolares-na-atualidade-consideracoes-sobre-escola-e-ensino>. Acesso em: 3 jan. 2017.

PERIGOS NA ADOLESCÊNCIA

Rodinei Peres de Lima

Quando o professor Rafael Christofoletti trouxe a proposta de fazer uma intervenção nas escolas fui tomado por uma grande alegria, pois seria nosso primeiro contato efetivamente prático, além do meu desejo de seguir na área de Psicologia Escolar. Esse projeto me proporcionaria à oportunidade de verificar na prática os conceitos estudados em sala de aula, verificar a necessidade de um psicólogo nas escolas e ainda, trabalhar com adolescentes, pois é um público com o qual já trabalhei e acredito, são pouco compreendidos. No entanto, esse projeto proporcionou muito mais conhecimento do que eu poderia imaginar.

O projeto consistiu em dividir nossa sala em equipes com a função de realizar uma atividade/palestra para adolescentes de 7° e 8° anos acerca dos temas automutilação, baleia azul e suicídio. Confesso que o tema proposto para realizarmos a nossa palestra nos preocupou, devido às particularidades encontradas nesta escola. Nós iríamos conversar com adolescentes sobre temas polêmicos, sabendo que há pouco tempo houve um caso de suicídio na escola para qual fomos designados. Havia suspeitas de que o adolescente poderia estar participando do jogo da baleia azul, isso nos causou bastante ansiedade.

Com um tema impactante como os que nos foram passados, sabíamos que deveríamos ir além do que nos foram transmitidos em sala de aula, por isso, nos empenhamos em realizar pesquisas através de artigos científicos e sites em busca do conhecimento necessário para podermos trazer um material atualizado e dinâmico.

Descobrindo os perigos: a pesquisa

Com o decorrer das pesquisas, notou-se que um tema como esse ainda é tratado de forma superficial, pois ainda existe um tabu muito grande em falar sobre o suicídio. O problema existe e não adianta ignorar; é preciso ter uma atenção especial sobre esta questão.

Mergulhando nesse universo de atitudes autodestrutivas na tentativa de conhecer uma pouco mais sobre os comportamentos que antecedem o suicídio,

encontramos o cutting ou automutilação (SOUZA, 2010). Este foi um dos motivos, senão o principal motivo, pelo qual a escola veio até nós com pedido de ajuda, pois há vários casos de meninos e meninas (com uma certa predominância entre as meninas) que usam desta prática para tentarem aliviar suas dores. A automutilação consiste em agressões realizadas no próprio corpo, sem a intenção do suicídio em primeiro momento.

A automutilação mais comum consiste em fazer cortes em braços, pernas, normalmente em lugares que não podem ser vistos facilmente. Muitos se perguntam: o que faz uma pessoa causar danos físicos para si? Por que alguém maltrataria seu próprio corpo? Sente prazer? Para chamar a atenção?

Engana-se quem pensa que fazem isso por prazer ou para ter atenção, pois são pessoas que estão enfrentando uma dor tão intensa que não conseguem transmitir através de uma comunicação com palavras. Segunda a psicóloga Claudia Paiva de Magalhães:

> As autolesões são uma forma de linguagem expressa no corpo, uma forma de expressar o não dito. Estas lesões carregam uma série de significados individuais que diferem de pessoa para pessoa desde punição, cuping, alivio, manipulação e inclusão em grupo (POTTER, 2003; MOREIRA; GONÇALVES, 2010; FERNANDES, 2011 apud SANTOS et al., p. 07).

Transferem para as mutilações sua dor psicológica/emocional na tentativa de aliviá-las. As causas que levam esses jovens e adolescentes a se automutilarem são diversas não sendo possível dar o mesmo tratamento a todo indivíduo que se automutila, mas não devemos por isso ignorar, é necessário penetrarmos afundo no mundo de cada jovem e adolescente, buscando descobrir suas dores causadoras dessas atitudes, muito vezes tão escondidas, que nem eles perceberem a real causa.

É possível notar que na maioria das vezes, o motivo que leva esses jovens e adolescentes a se automutilarem é reflexo de fuga de algum problema. Ao investigar sobre os problemas que poderiam levá-los a tal sofrimento capaz de causarem suas automutilações, encontramos o mais terrível e que por muitos passa por “brincadeiras”, algo natural. Estamos falando de bullying!

> [...] fatores de riscos associados à automutilação: abuso emocional, físico ou sexual na infância; viver com apenas um dos pais; conflitos familiares; conhecimento de que algum membro da família ou colega que pratica a

> automutilação; abuso de álcool e tabaco ou outras substâncias; ser vítima de bullying na adolescência; de sintomas depressivos, ansiosos, impulsividade e baixa autoestima; ideação ou tentativa de suicídio prévia (GIUSTI; GARRETO; SCIVOLETTO, 2008 apud FREITAS; SOUZA, 2017, p. 06).

Bullying é uma palavra de origem inglesa que serve para descrever comportamentos agressivos, principalmente dentro das escolas. Com a intenção de mostrar sua "superioridade", meninos e meninas, fazem uso de várias formas de agressão na tentativa de maltratar, humilhar e amedrontar suas vítimas. Essa prática utilizada por esses jovens e adolescentes podem acontecer de diversas formas.

"A palavra *bully* é um verbo de origem inglesa, que significa 'usar a superioridade física para intimidar alguém'" (MARQUES; DRAPER, 1996, p. 41 apud TORO; NEVES; REZENDE, 2010).

A Cartilha 2010 – Projeto Justiça nas Escolas, Ana Beatriz Barbosa Silva descreve sobre o Bullying e suas formas de acontecer. Dentro dessas formas, é possível encontrarmos as agressões verbais, podendo ser insultos, falar mal da vítima, colocar apelidos que denigrem a imagem perante os outros. Algumas pessoas que praticam essa forma de violência buscam se defender dizendo que fazem apenas para "brincarem", algo inofensivo, que fazem porque "gostam" dessas pessoas. No entanto, será que pararam alguma vez para pensar em como a pessoa se sente com esses seus comentários que tem por objetivo denegrir, rebaixar, humilhar? Provavelmente não, pois se analisassem, descobririam o poder maléfico de suas palavras.

Encontramos também bullying psicológico, que são atos que exprimem humilhações, exclusão, descriminação, intimidação, difamação ou chantagem, causando algum prejuízo emocional, moral ou de liberdade de expressão. Esse tipo de violência causa traumas profundos, por vezes, até mais prejudiciais do que a violência física propriamente dita, pois não se pode "ver" claramente a dor infligida no íntimo do indivíduo.

O bullying físico e material é o mais visível, pois as agressões são percebidas com maior facilidade, pois compreendem os empurrões, beliscões, destruição ou roubo de bens da vítima. Com este tipo de bullying o agressor tem a vítima sobre seu domínio através do medo que lhe é imposto, não oferecendo resistência aos ataques sofridos. Por deixar marcas físicas, é mais fácil descobrir quando alguém sofreu esse tipo de bullying diferente das agressões verbais. Vale ressaltar, que nem

toda briga é bullying físico, pois para caracterizá-lo se faz necessário que haja superioridade física do agressor, se a briga for de igual para igual será briga e não bullying físico.

Na atualidade, com o fácil acesso à internet e as mídias sociais, vem crescendo de forma assustadora mais uma categoria de bullying, o chamado bullying virtual ou Cyberbullying (BULLYING, 2010). Este tipo de bullying pode ser considerado ainda mais grave do que os anteriores, pois com a facilidade a equipamentos eletrônicos e a velocidade de compartilhamento de informações na web e a falta de responsabilidade de quem repassa as informações que encontra sem verificar se é verdadeiro ou não, faz com que um adolescente tenha sua vida exposta de forma tão destrutiva que muitas (ou quase sempre) vezes não consegue reverter os danos sofridos.

Os motivos que levam esses indivíduos a praticarem o bullying são variados (BULLYING, 2010), pois existem aqueles que não conheceram limites dentro do seu contexto familiar refletindo muitas vezes o que vivencia em casa. Há os que estão passando algum tipo de problema, podendo ser separação dos pais, dificuldades financeiras ou até mesmo doença na família, fazendo com que a utilização dessas agressões torne-se uma forma aliviar suas tensões. Mas também existe uma “classe” de praticantes de bullying que fazem isso apenas por prazer, possuem problemas estruturais de personalidade, não manifestando sentimentos de arrependimento ou culpa pelos seus atos, não são capazes de ter empatia pelos seus semelhantes.

Se compararmos os praticantes de bullying com os automutiladores, vemos que alguns dos problemas são semelhantes, mas as formas de lidarem com eles são diferentes. Analisando por esse viés, podemos nos perguntar: por que agem de modo diferente se os problemas são idênticos? Umas das possíveis causas seria o contexto social e familiar no qual vivem. Se os pais não praticam violência, mas são omissos em relação aos filhos, não se abrem para um diálogo com eles, mostrando que estão lá para auxiliá-los indiferente dos problemas que estão passando, é provável que este filho, senão encontrar apoio, venha a praticar automutilação. Para piorar, se os pais ainda praticam algum tipo de violência, seja verbal, física, psicológica, ou emocional, seus filhos podem imitá-los na forma de bullying. Mas não podemos levar como regra, afinal, cada ser humano apresenta uma forma diferente de enfrentar seus problemas. Sempre há a necessidade de um estudo em cada caso

para não rotularmos as famílias, se essa família é assim, seu filho também será, sendo isso uma falha grave.

Os praticantes de bullying, para escolher suas vítimas, buscam por pessoas que se encontram vulneráveis (BULLYING, 2010), utilizando-se de critérios como desigualdade social, financeira, idade, tamanho (seja pela altura ou pelo peso), raça, credo ou opção sexual. Muitas vezes se aproveitam pela quantidade de pessoas em que estão, formam grupos com a intenção de procurar pessoas que eles julgam inferiores a eles e depois praticam todas as formas de bullying que puderem.

Esta prática de bullying tem causado grande repercussão na sociedade, pois a intolerância em relação ao público LGBT faz crescer o número de grupos homofóbicos e a extrema violência com a qual agem contra esse público. A problemática da questão de gênero tem dividido até mesmo alguns psicólogos, pois há em pleno século XXI quem acredita na chamada “cura gay”. Há pouco tempo uma liminar concedida pelo juiz federal da 14ª Vara do Distrito Federal Waldemar Cláudio de Carvalho (MORAIS, 2017), declarando que o Conselho de Psicologia não poderia mais punir os profissionais que optassem por essa linha de trabalho causou uma enorme mobilização da sociedade contestando essa decisão. A contestação fica por conta da seguinte prerrogativa: há cura, se não há doença?

A intervenção

Iniciamos a palestra com uma dinâmica, com o intuito de criarmos um vínculo mais afetivo com os alunos e possibilitar que o decorrer da mesma ocorresse com a interação de ambas as partes. A dinâmica pedia para que eles se organizassem em rodas que continham cerca de oito alunos, todos virados para dentro. Após esse processo de organização foi solicitado que eles virassem para fora, sem que desprendessem a mão e sem que ficassem com os braços trançados. Tivemos três equipes que conseguiram realizar a atividade com sucesso. Após finalizarmos essa parte, foi fornecido uma devolutiva na qual explicamos a importância do trabalho em conjunto, de que durante a vida deles, eles sempre se depararão com desafios que serão melhor solucionados quando divididos com pessoas próximas, levantando as dificuldades que começam a aparecer junto com a fase da adolescência e com a perspectiva de quem eles querem ser, não apenas profissão, mas quais valores gostariam de ter.

Em seguida iniciamos a explicação sobre o que é automutilação, dizendo do que se trata e como acaba acontecendo, relatamos os prejuízos emocionais de quem sofre Bullying. Durante nossa palestra houve um momento em que um adolescente pediu autorização para sair. Depois descobrimos pela professora, que este adolescente vem sendo vítima de bullying por causa de sua opção sexual.

Ressaltamos também como identificar alguém que se automutila, sempre voltando ao objetivo de prevenção. Foi apresentado 2 (dois) depoimentos que relatavam a história de adolescentes automutilados, posteriormente, um breve vídeo que contava a história de uma garota que se suicidou e deixou uma carta para a mãe, um vídeo forte, baseado em uma história real e cheio de detalhes de toda a evolução do caso até o suicídio.

Devido ao grande impacto causado por esse vídeo, foi proposto uma nova dinâmica, solicitamos que as pessoas que se consideravam corajosas levantassem a mão, que subissem até o palco, então perguntamos o nome de cada corajoso e novamente repetimos a pergunta se realmente eles se consideravam corajosos, naquele momento somente uma adolescente respondeu com toda a certeza, que sim, ela se considerava muito corajosa. Então colocamos uma música, e passamos uma caixa, caixa essa que deveria ser passada de mão em mão, a pessoa que estivesse com a caixa no momento que a música fosse pausada, deveria abrir e cumprir o desafio. Por coincidência a caixa parou justamente na mão da garota que se considerava corajosa, então ela abriu a caixa e cumpriu o desafio que era comer um pirulito.

Essa foi a forma simbólica que a equipe encontrou para explicar a eles que a vida será sempre cheia de desafios, e que infelizmente nem todos serão doces como foi esse, que muitas vezes vamos nos deparar com inúmeros desafios, por vezes dolorosos, explicando que desafios fazem parte da vida de todas as pessoas e por mais difíceis que sejam, podem ser superados.

Após essa explicação sobre automutilação, entramos no assunto perigos da internet, enfatizando o quanto ele está acessível e exposto, praticamente em todos os sites. Foi exemplificado, falando de quantas vezes abrimos uma página da internet e tem no canto uma barra pequena, mas que pisca e brilha tanto que acaba se destacando, muitas vezes essas barras trazem promoções imperdíveis ou até mesmo dietas milagrosas, que na verdade só transmitem vírus.

Com todos esses fatos acontecendo com os adolescentes, muitas vezes acabam procurando ajuda em lugares não confiáveis. Com a facilidade que possuem de acessar a internet, acreditam nas “verdades” que ali se encontram. No vasto universo da internet há pessoas boas, mas também existem muitas pessoas à espera de uma oportunidade para enganar outros. A mais atual consiste no chamado “Jogo da Baleia Azul”, o qual consiste em 50 desafios, que vão envolvendo o adolescente, fazendo com que pratique coisas absurdas, que vão desde se cortar e escrever na palma da mão, braços, procurar um telhado bem alto e ficar lá por uns instantes e até chegar ao último desafio: suicídio! Felizmente, foram poucos os casos que foram até o extremo. Como comentado no início do texto, houve há pouco tempo um caso de suicídio nesta escola e se tinha dúvidas se era por causa desse jogo. De acordo com a perícia policial não havia nada que ligasse ele à prática do jogo.

Sendo este nosso último assunto explicado, iniciamos falando sobre a baleia, contando que se trata apenas de um animal. Então o assunto baleia azul foi explicado no contexto jogo, abordando alguns desafios. Realizando uma junção com o assunto perigos da internet, foi dito o quanto é perigoso esse desafio e também a dificuldade que os participantes do desafio encontram ao tentar desistir do jogo. Pois muitas vezes os administradores acabam ameaçando os familiares desses participantes, que acabam sendo coagidos e sendo impossibilitados de sair por medo.

Finalizamos nossa visita com uma dinâmica. Utilizamos copos de água, sendo que um copo possuía água limpa, pura e sem nenhuma impureza e o outro copo, possuía água com terra, mostrando assim o quanto de água é necessário para que a água se tornasse pura novamente. Essa dinâmica teve como objetivo motivá-los, dizer que por mais que a vida esteja difícil, sempre existe a oportunidade de melhorar.

Pós-intervenção

Realizamos a palestra e depois de algum tempo retornamos até a escola para conversarmos com professores e direção sobre o resultado de nossa intervenção e o que eles acreditavam serem os motivos desses comportamentos desses adolescentes. Relataram que, para alguns alunos houve algum esclarecimento, mas

entre outros ainda há a prática da automutilação. Informam que escola tenta entrar em contato com a família para resolver os problemas.

Segundo a visão destes profissionais, o ponto fraco está na estrutura familiar, com pais separados, alguns casos de drogas, deixando o mundo desses adolescentes ainda mais perturbados, somando a isso, a fase de mudanças pela qual estão passando.

Ao chegar ao final desse projeto de intervenção escolar comprovamos a importância de trabalhar com adolescentes, pois se deparam com um novo mundo onde não são mais crianças, mas também não são adultos e isto causa uma grande confusão em seu modo de agir e pensar. Começam a enfrentar várias situações das quais nem todos estão preparados e precisam de alguém que possa orientar, e os ajudem a descobrir os caminhos que tem a sua frente e poder seguir de forma segura num ambiente que mesmo desconhecido, não os faça desistir.

REFERENCIAS

ALLIPRANDINI, P. M. Z.; SODRÉ, G. C. Contribuições da produção científica para o diagnóstico, prevenção e intervenção junto ao bullying no contexto escolar. **Revista Cocar**. Belém. v. 8, n. 16, 2014. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/365>. Acesso em: 24 abr. 2018.

FERREIRA, J. M.; TAVARES, H. M. Bullying no ambiente escolar. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 187-197, 2009. Disponível em: <http://www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/15-PEDAGOGIA-04.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2018.

FREITAS, E. Q. M.; SOUZA, R. Automutilação na adolescência: prevenção e intervenção em psicologia escolar. **Revista Ciência (In) Cena**, Salvador, v. 1, n. 5, p. 158-174, 2017. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/cienciaincenabahia/article/view/4356>. Acesso em: 24 abr. 2018.

MORAIS. R. Juiz federal do DF libera tratamento para 'cura gay' e diz que homossexualidade é doença. **Globo.com.** 18 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/juiz-federal-do-df-libera-tratamento-de-homossexualidade-como-doenca.ghtml>.

SANTOS, A. M. A. et al. Corpo, injúria e símbolo: a automutilação em jovens. In: MOSTRA DE PESQUISA EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA; 2017. **Anais...** Fortaleza: Ibmec, 2017. Disponível em: <https://even3.azureedge.net/anais/47232.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2018.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: cartilha 2010. 1.ed. Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2010. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/destaques/arquivo/2015/04/0d95535ddf206bc192c4e05356e35c83.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2018.

TORO, Giovana Vidotto Roman; NEVES, Anamaria Silva; REZENDE, Paula Cristina Medeiros. Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. **Psicologia teoria e prática**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 123-137, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100011>. Acesso em: 24 abr. 2018.

RELATO DA INTERVENÇÃO: A PSICOLOGIA AMPLIANDO SUAS ATIVIDADES NO ÂMBITO ESCOLAR

Elivelton Ogliari

Esse relato tem por objetivo trazer dados e experiências vividas enquanto pesquisador na escola de ensino fundamental, localizada na cidade de São Bento do Sul, SC. Primeiramente será apresentada a entrevista com a coordenadora, em sequência a entrevista com a professora de artes e após isso, algumas considerações sobre o trabalho realizado.

No início do segundo semestre de 2017, nós estudantes de psicologia fomos estimulados pela equipe docente a realizar uma pesquisa em uma escola, onde fizemos a intervenção sobre os seguintes temas: automutilação, suicídio e baleia azul. O trabalho foi realizado em equipe e posteriormente cada integrante efetuou a entrevista com um profissional da escola para avaliar os impactos da intervenção.

A ansiedade foi algo marcante, pois não sabíamos ao certo se o trabalho anterior realizado na escola de fato havia sido positivo, e se houve alguma alteração no cenário em que a escola estava passando. Mas no decorrer das perguntas a coordenadora se mostrou bem tranquila em relação ás questões a ela colocadas.

Esse trabalho de pesquisa me ajudou a compreender melhor o papel do pesquisador e dos psicólogos, pois pude na prática atuar e treinar essas características que são inerentes à profissão que vamos seguir. Acho importante também esse trabalho realizado pelas universidades em aproximar do dia-a-dia profissional com práticas supervisionadas dentro da pesquisa e extensão.

Coordenação da Escola

Comecei questionando-a, acerca dos assuntos que fomos fazer a intervenção na escola. Relatou que já teve alguns casos de automutilação e que os professores até percebem, mas pouco podem fazer, pois muitas vezes tem que vencer o conteúdo e não tem tempo para conversar com esse aluno.

Ela ainda cita que quando algum professor percebe algo em relação a isso, a orientação que é dada aos professores é que façam o encaminhamento da criança para a direção, pois eles é que executam as medidas necessárias, que vai de uma

conversa, até a comunicação do problema a família, conversando com o aluno e família em conjunto.

Outro ponto que me chamou a atenção citado pela coordenadora foi a falta de compromisso que os pais têm em relação aos seus filhos. Há reuniões que somente quatro pais se fizeram presentes. A escola procura realizar atividades como café desfile do dia das mães, passeio ciclístico em família, mas todas essas ações não obtiveram sucesso para integrar e resgatar vínculos entre os pais, alunos e a escola.

Nota-se também que a equipe da coordenação tem a esperança de que os pais se façam mais presentes na vida escolar de seus filhos, e que eles não vão desanimar perante a pouca adesão dos pais nos programas de socialização.

Na sequência, questionei o que era a minha principal angústia: se de fato a nossa intervenção havia trazido um resultado positivo para a instituição ou não. Efetuando essa pergunta, confesso que a ansiedade tomou conta, porém tive de contê-la a fim de que isso não atrapalhasse a entrevista.

A resposta dada pela coordenadora não poderia ter sido melhor. Ela disse que os alunos passaram a tratar o assunto com seriedade, e que a nossa intervenção despertou o interesse deles em ajudar o próximo, que muitas vezes está ao nosso lado e nem nos damos conta de que a pessoa realmente precisa de um auxílio.

Ela elencou também que os professores acharam a intervenção muito positiva, pois acreditam que alguém de fora do ambiente escolar, sabe conduzir melhor assuntos sérios de forma descontraída, sem deixar de tratar com responsabilidade.

Com certeza os alunos acabam prestando mais atenção e absorvendo melhor os conteúdos repassados na intervenção, do que se fosse repassado pela equipe de professores e coordenação. Com o *feedback* positivo da equipe de coordenação a ansiedade diminuiu e eu fiquei com o sentimento de dever cumprido.

Prosseguimos com as questões, agora com o foco voltado aos principais problemas encontrados na educação, isso segundo a sua visão. Foi solicitado também os principais problemas enfrentados na sua unidade escolar.

Como resposta tivemos a falta da presença dos pais na vida escolar de seus filhos. Ela comenta que muitas crianças relatam não ver os pais durante o dia todo, e a noite não há tempo para eles dialogarem sobre os problemas enfrentados na escola.

Também salienta que muitos alunos chamam a atenção dos professores justamente para compensar aquela falta que os pais fazem. Diante dessa colocação quanto à responsabilização, senti a necessidade de questioná-la, pois acredito que que não se deva jogar a culpa em um dos lados somente. Devemos olhar o todo, para então podermos efetuar uma ação que traga resultados concretos, contudo, aquele momento não era propício para reflexões, e sim coleta de dados.

Por fim, questionei-a sobre como ela compreendia o papel da psicologia, e se julgava importante a ação dos estagiários na escola. Entusiasmada, a coordenadora falou que é de suma importância a presença de um psicólogo ou até mesmo estagiários, pois " nós não possuímos um preparo especializado para lidar com situações mais complicadas, e automaticamente não temos norte para resolver situações mais complexas.

Professora de Artes

Dando sequência ao trabalho, foi feito a entrevista com a professora de artes. Foi uma experiência muito agradável, pois ela possuía uma abertura maior nas ideias, se mostrando muito interessada além de trazer muitos relatos de dentro da sala de aula.

Comecei questionando-a em relação ao suicídio e a baleia azul: se havia algum caso que ela presenciou? A professora não se intimidou e falou que de fato: "esses temas tornaram-se comuns entre os jovens, que a sociedade vem trazendo à tona cada vez mais esses temas e que temos de ter um cuidado e preparo com essas situações delicadas".

Sobre ter conhecimento de algum caso de automutilação, a professora comenta que uma menina do sétimo ano vinha com uma blusa de lã, manga longa em dias de calor. Isso chamou a atenção dela, até que um dia ela acabou esbarrando sem querer no braço da menina e verificou que haviam vários cortes em seu braço. A professora relatou ter compaixão, o que ficou evidente em seus olhos, no momento da entrevista.

A atitude dela foi de conversar com a menina fora da sala. Foi nesse momento que a menina relatou que estava passando por dificuldades de relacionamento em casa: separação dos pais e diversas brigas. Perante o ocorrido, a professora passou o caso a direção e logo após a família foi comunicada.

Questionei também o que ela achava da atual situação da educação brasileira, e também no colégio em que ela leciona. Ela verbaliza que os alunos de hoje, estão passando por uma fase complicada decorrente do imediatismo, da falta de limites e que muitas crianças acabam ficando perdidas. “Precisam achar o sentido da vida” disse ela. Ela critica, mas não exclui a culpa dos professores, do governo que investe pouco em capacitações para lidar com esse tipo de situação.

Outro ponto citado foi de que em alguns casos elas recorrem à internet, justamente por não saber como agir.

Para finalizar foi colocada a questão acerca da importância dos estagiários e profissionais de psicologia no âmbito escolar. Pude perceber que na resposta dela havia um pedido de socorro nas entrelinhas. Frisava constantemente que a escola precisa de estagiários, sobretudo de um psicólogo que pudesse atender às demandas das escolas.

Outro ponto importante citado na entrevista, pela professora é de que a classe dos psicólogos precisa se encorajar para reivindicar nosso direito de estar presente nas escolas. Recomendou também a união com professores para solicitar que haja psicólogos exclusivos em cada unidade escolar.

Algumas Considerações e Sugestões

O trabalho proposto pelo professor Rafael Christofoletti, na disciplina de assessoria escolar e psicologia escolar, me ajudou a conhecer um pouco da realidade vivida pelo psicólogo. Foi ali que pude experimentar a ansiedade e a emoção e também reconhecimento pela atividade desenvolvida na escola.

Particularmente gosto do que foge do comum, gosto de desafios, pois acredito que é através deles que nos desenvolvemos e criamos coisas novas. Esse tipo de atividade desenvolvida pela universidade deve ser valorizado e levado a sério, pois é a união da técnica com a prática, como resultado temos uma importante preparação para as questões da vida real.

Quanto as questões relacionadas à coordenação e a professora entrevistadas, acredito que elas possuem a visão de que os psicólogos resolveriam os problemas da escola, percebeu-se também que a escola tem noção das relações estabelecidas entre pais e filhos e que estas estão afetando o processo ensino aprendizagem.

O lado bom disso é que cada vez mais a psicologia vem sendo difundida de forma positiva na comunidade, e vemos que as pessoas conseguem identificar a importância de um profissional que auxilie nas questões das relações humanas.

A escola mostrou interesse em nossas atividades, solicitando que fôssemos mais vezes ao local para trabalhar mais questões com os alunos. Para mim, foi um estímulo positivo, pois sei que o trabalho que estamos realizando é sério, traz resultados e ajudam a minimizar o sofrimento enfrentado pelas pessoas.

Em relação ao que foi conversado com a coordenadora eu concordo com a sua visão positiva, acredito também que se mais atividades de socialização entre os familiares e a escola fossem efetuadas, logo os pais se fariam mais presentes na vida escolar de seus filhos.

Finalizando, deixaria algumas sugestões de melhoria para a situação enfrentada pela escola, pois depois de uma investigação mais profunda, podemos ter uma dimensão maior sobre o problema enfrentado pelos professores e até mesmo a coordenação. Essas pequenas estratégias podem ajudar a minimizar as dificuldades enfrentadas na atual educação.

- Promover treinamentos aos professores e demais funcionários com o intuito de elaborar melhores estratégias para lidas com as múltiplas diferenças e situações complicadas dentro da escola.
- Incentivar os alunos por meio de atividades lúdicas que levem eles a uma conscientização e, a partir disso eles mesmos sejam agentes de mudança na sociedade.

Criar um espaço de descontração, para que os alunos através de atividades prazerosas possam trazer seus conflitos ou sofrimentos. Também estender essa iniciativa a família, pois sabemos que o ambiente familiar, muitas vezes reflete nas ações das crianças nas escolas.

PARTE II
MOTIVAÇÃO

EXPERIÊNCIA E RESSONÂNCIAS DE UMA INTERVENÇÃO EM ESCOLA PÚBLICA

Michele Fabiane Felipe Maia

Constantemente somos mobilizados por diferentes causas, questões que passam a ter um sentido real, tornando-se no entanto, únicas em nossa existência. Quando tratamos desses acontecimentos estamos abordando algo que é inerente ao ser, estamos a falar de experiência que sobremaneira "é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" (BONDIA, 2002, p. 21). Quando esta é vivenciada pelo indivíduo de maneira profunda e integral, propulsionam reflexões, sentimentos e diferentes ações que podem reverberar de maneira positiva ou negativa, a curto ou a longo prazo substancialmente para com as pessoas envolvidas e no ambiente no qual está inserido. E tão importante quanto estar aberto às experiências, faz-se necessário compreendê-la, o que pode muitas vezes ser moroso, necessitando de persistência frente às diferenças e resistências internas e externas de cada um ao vivenciá-las.

Com base nisso, e dada a oportunidade de expressão através de relato de experiência acadêmica, aproveito o ensejo para retratar a seguir uma intervenção escolar realizada como proposta da matéria de Assessoria Escolar do curso de Psicologia. Essa atividade que possibilitou a problematização da realidade escolar das práticas educacionais, bem como considerar a sua amplitude e as possibilidades de ações que podem contribuir para o funcionamento dessa engrenagem, a fim de que não exista o enferrujamento de práticas e posicionamentos, visto que estamos em constantes transformações e as exigências quanto a um olhar diferenciado e novas responsabilizações são constantes.

Por iniciativa do docente responsável pela matéria, em conjunto com a coordenadora do curso da instituição, pôde-se sair da sala de aula e ir a campo em algumas escolas situadas em três munícipios do estado de Santa Catarina. Através dos nossos representantes acima citados, foi realizada em um primeiro momento a visita aos diretores nas escolas, a fim de estabelecerem uma conversa e principalmente promoverem a escuta, oportunizando tratar sobre a demanda a ser trabalhada paralelo a cada escola e um possível plano de ação. Apresentou-se

como emergente trabalhar com dois temas centrais, sendo esses a “Automutilação e Suicídio” e “Motivação, para que ir à escola?”.

Conseguinte a essa etapa, para podermos atuar quantitativamente e principalmente qualitativamente, foram formados pequenos grupos que tinham como objetivo elaborar maneiras de trabalhar essas questões com algumas classes das escolas de maneira dinâmica e cautelosa, com o intuito de promover conhecimento e reflexões acerca dos temas, através de trocas embasadas em arcabouços teóricos e sobretudo, em uma prática homogênea e horizontal para com os envolvidos nesse processo.

Na ocasião, o grupo do qual fiz parte, contou com a participação total de cinco acadêmicos e com o docente, que nos acompanhou durante a atividade que aconteceu fora da escola, especificamente em um auditório da cidade, no dia 23 de Junho de 2017, com duração aproximada de uma hora e quinze minutos. As atividades foram realizadas com 29 alunos do quarto ano do ensino fundamental e duas professoras que os acompanharam.

O foco da nossa atividade se deu quanto à abertura para troca de experiências, com intuito de ao invés de *falar* sobre o assunto *para as crianças*, pudéssemos *falar com as crianças* sobre. Dessa forma, a estrutura de nossa atividade se deu da seguinte maneira: dividimos o grupo de alunos em 5 subgrupos, que por sua vez tinham a participação de um acadêmico em cada grupo como representante, com o intuito de estimular a comunicação, abordar o tema, descobrir quais eram os conhecimentos já existentes sobre esse, assim como resgatar se necessário, os motivos que os incentivavam a ir à escola.

No momento da atividade, senti que o desafio proposto era tão valioso quanto imaginava, pois coloquei à prova os meus conhecimentos a respeito das potencialidades das crianças e percebi que mesmo trabalhando constantemente sobre temas que visam compreender as individualidades, subjetividades e o desenvolvimento desses, estava ainda presa em algumas raízes do senso comum, que postulam muitas vezes a criança como incapaz, ou que “crianças são todas iguais”, até mesmo “eles não entendem isso”. Nesse momento, pude perceber que estava utilizando de uma ótica cristalizada por imposição de limites, que logo foi “estilhaçada”, necessitando de uma nova postura, para não comprometer as possibilidades de aprendizado de ambas as partes.

Pôde-se verificar ainda através do diálogo estabelecido, um pouco mais a respeito da individualidade de cada criança, os diferentes motivos que estavam ligados principalmente à família e às exigências sociais. Como reflexo e não longe da realidade de cada um de nós, uma das colocações a respeito da motivação para ir para escola era a de “ser alguém na vida” (*sic*), como se ainda não o fossem. Outro motivo levantado era porque gostavam de encontrar os amigos, e de realizar algumas matérias, cada qual com um interesse específico, levando em consideração também que em muitos momentos a resposta que remetiam à motivação estava fora do contexto escolar. Não foi possível no entanto, encontrar de maneira evidente um vínculo com a aprendizagem, até mesmo com os professores que fazem parte do cotidiano das crianças.

Após a conversa individual realizada por cada subgrupo, sugerimos que fizéssemos a junção dos grupos para expor os tópicos destacados como interessantes. Este momento foi de descontração e mais uma oportunidade para os alunos falarem sobre eles, caso assim desejassem. Acreditamos ser importante que aquele momento propiciasse a liberdade de ser quem de fato eram, de adquirir novos conhecimentos de maneira dinâmica e personalizada, respeitando entretanto aqueles que preferiam ouvir a falar. Muitas foram as formas de expressão e mais uma vez foi perceptível verificar questões de cunho familiar e social que foram relatadas por alguns dos participantes, e que pareciam ter grande valor atribuído pelos mesmos.

Para a realização das atividades, utilizamos como complemento, recurso audiovisual para apresentação de dois vídeos pertinentes ao assunto, que abordava os potenciais, as possibilidades de crescimento/desenvolvimento, os desejos e sonhos das crianças ali presentes. Percebeu-se durante a apresentação dos vídeos algumas expressões corporais, das quais se destaca a surpresa quanto às indiferenças sociais, principalmente quando tratava sobre questões socioeconômicas. Sem muito esforço, constantemente pudemos contar com a interação da maior parte dos envolvidos, que continuavam a exteriorizar modos diferentes de percepção, anseios e desejos quanto a si e ao meio educacional.

Sentimos durante o processo, a falta de participação ativa e incentivo das professoras presentes. Tendo em vista a dificuldade e impossibilidade de realizar mudanças do todo nessa primeira etapa da intervenção, deu-se por concluída uma parte essencial, a qual tínhamos nos proposto a realizar, auxiliando no

funcionamento de uma parte da engrenagem da qual estamos inclusos e que consequentemente fará diferença no funcionamento a nível educacional, relacional, e não menos importante; social.

Logo após a primeira etapa, foi recomendado que os grupos de acadêmicos fossem até a escola participante, a fim de verificar a existência de reações após a atividade e quais foram, assim como conhecer mais a respeito da realidade das escolas e sua equipe.

Ao trazermos à tona o transcurso com que a estrutura da segunda etapa do trabalho foi desenvolvida, vale destacar que em tentativa inicial de marcar uma data para a entrevista, pode-se entrelinhas pensar em diversas possibilidades no que se refere a sinais singelos, porém significativos quanto à demanda que os profissionais da área são submetidos cotidianamente a executarem, tornando limítrofe e adiado o tempo disponível para se tratar de questões emergentes, educacionais e trocas que possam favorecer entre tudo na melhor compreensão e funcionamento da instituição. Nesse sentido relato aqui, concordância no que tange a experiência rara por excesso de trabalho (BONDIA, 2002).

Apesar da dificuldade inicial relatada anteriormente, a entrevista pôde ser realizada em 19 de setembro de 2017, tendo como base algumas perguntas abertas sobre a atividade realizada, como a educação, os desafios e as ações atuais da escola frente às adversidades e qual era a visão deles quanto a presença de estagiários e/ou psicólogos atuando junto à escola. A seguir, explanarei a respeito da entrevista da qual pude participar, realizada com o diretor a quem se emprega a gestão escolar em suas diversas complexidades, que se expande da micro à macro política, resultando como insuficiente, se realizada de maneira individualizada.

Logo após termos iniciado o processo de entrevista, pôde-se perceber que a demora no atendimento e as interferências no processo de entrevista seriam possíveis indicadores no que se refere ao trabalho do diretor da instituição frente à grande demanda presente, que fora expressada da seguinte forma pelo diretor em decorrência às interrupções: “desculpa gente, mas isso aqui é o dia inteiro assim’’ (*sic*). Afinal, é de grande valia ressaltar que estamos tratando de uma escola que conta com aproximadamente 600 alunos, que diariamente apresentam diferentes comportamentos, decorrentes ou não das relações afetivas familiares e/ou escolares.

Mesmo frente às dificuldades iniciais, diversas atividades a serem realizadas na mesma data, fomos bem recepcionados pelo diretor que se mostrou aberto a utilizarmos o tempo que fosse necessário para a realização da segunda etapa.

Ao tratarmos a respeito da solicitação da escola para se trabalhar sobre a motivação com os alunos, o diretor nos apresentou que o motivo se dá devido à vulnerabilidade existente, pois os alunos acabam por se tornar incapacitados de estabelecer o real motivo de ir para a escola, criar vínculos com a aprendizagem e seus representantes. Por esse motivo considerou que a ideia central do tema é realmente válida, para compreender o motivo, uma perspectiva um pouco melhor do que os alunos podem atingir através da escola. Segundo a perspectiva do diretor, a atividade refere-se especialmente a algo novo quanto à extensão da universidade e à intervenção dos acadêmicos, o que pode vir a favorecer positivamente os alunos. Citou com vigor quanto à importância da utilização da ciência em prol da melhoria do bairro, município e país.

Conforme informado por ele, há entre tantos desafios, o caso de muitos alunos que por possuírem benefícios que exigem frequência para serem recebidos pelos familiares, comparecem à escola “para estar de corpo presente” (*sic*), conforme relatado “eles não vêm para estudar, eles não têm esse sentido, esse estímulo” (*sic*). Com base nisso, fora destacado a respeito do plano decenal municipal dos direitos humanos das crianças e adolescentes, que têm em destaque, indicadores da utilização de serviços de instituições governamentais, alto número de solicitação de benefícios que indicam a vulnerabilidade social e econômica, especificamente do bairro onde a escola está localizada, também de onde se deslocam parte significativa dos alunos para ida à escola.

Outra questão abordada no relato do diretor, refere-se a famílias que instigam o capacitismo/dependência da pessoa com deficiência para continuar ganhando o benefício, tornando-se esses ganhos secundários na vida dos indivíduos, sendo que na verdade necessitam ser tratados como seres humanos, com grande potencial a ser desenvolvido, uma vez que esse é diferente, assim como cada aluno da sala de aula. Pode-se perceber que devido a esses e outros fatores, a família e os alunos tornam-se passivos frente ao funcionamento da escola e métodos utilizados, o que se explica segundo o diretor, porque “a condição social barra um pouco a perspectiva do aluno com relação ao trabalho” (*sic*), logo, “a própria criança compra

essa ideia de cultura, que vai passando de geração para geração, não querendo caminhar com as próprias pernas" (*sic*).

Dentre os assuntos acima abordados, La Taille e Oliveira colaboram:

> O homem é um ser essencialmente social, impossível, portanto, de ser pensado fora do contexto da sociedade em que nasce e vive. Em outras palavras, o homem não social, o homem considerado como molécula isolada do resto de seus semelhantes, o homem visto como independente das influências dos diversos grupos que frequenta, o homem visto como imune aos legados da história e da tradição, este homem simplesmente não existe (LA TAILLE; OLIVEIRA, 1992, p. 11).

Sendo assim, ao se pensar e reportar à educação, não somente devemos considerar a criança como aluno, mas principalmente como ser humano que entretanto, é mutável e está constantemente sendo influenciado por questões de cunho social, cultural, econômico, familiar, entre outros. Ao delimitar a criança apenas como aluno, estamos a atribuir um papel que pode ou não ter um sentido para este, podendo portanto ser reivindicado por seu posicionamento de diferentes maneiras, inclusive em fuga, agressividade e indisciplina. Afinal, muito do que constitui quanto à moralidade e valor é construído fora do âmbito escolar, e por vezes, faz-se necessário levar em consideração esse fator.

Dentre os problemas na educação, mais frequentes na realidade da escola, houve uma organização hierárquica estabelecida pelo diretor que destacou em primeiro lugar a indisciplina que se apresenta no vocabulário e ação agressiva, entre alunos e os professores. Nesse sentido Bondia colabora:

> Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a 'o-posição' (nossa maneira de opormos), nem a 'imposição' (nossa maneira de impormos), nem a 'proposição' (nossa maneira de propormos), mas a 'exposição', nossa maneira de 'expormos', com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco (BONDIA, 2002, p. 25).

Nesse sentido, o risco está em como a exposição do significado dessas experiências estão sendo expressadas pelos indivíduos nessa relação. Por vezes ambos demonstram de diferentes maneiras satisfação ou insatisfação, devido a motivos diferentes com que a percepção é estruturada pelo indivíduo. Para tanto, a vulnerabilidade aumenta, correndo o risco de tornar o convívio dolorido e passível de frustrações e resistências recorrentes, porque quando a experiência se delimita ao

individual, impossibilita a existência da empatia, que por sua vez pode ser considerada a mediação dos conflitos que esses vivenciam corriqueiramente.

Seguinte a isso, fomos informados quanto à taxa de alunos que apresentam baixo nível de interpretação, pois muitos alunos não leem, talvez até mesmo por falta de estímulo, sendo considerados como “analfabetos funcionais”, porque sabem ler mas não decodificam o que veem. Nos casos mais acentuados, fora citado que os alunos comparecem algumas vezes da semana no contra turno, no centro de atendimento especial (CAE), que conta com a participação de psicólogos, psiquiatras, fonoaudiólogos, neurologistas, ou seja, uma equipe multidisciplinar que realiza trabalhos diferenciados e especializados, diferentes do que a escola pode promover atualmente. Acabam por trabalhar com as crianças de forma lúdica, fugindo do método tradicional e elitista da escola, que pode ser verificado segundo o diretor, como uma melhora significativa na vida e desempenho do indivíduo.

De maneira geral, os alunos que não se adequam ao método tradicional, são engendrados aos casos acentuados e necessitam de atendimento especial. Nesses casos há uma demanda escolar e familiar que é momentaneamente “suprida”, uma vez que ambos acabam por se isentar de forma direta ou indireta dessa responsabilidade. E tão importante quanto os demais temas, um dos grandes problemas enfrentados na contemporaneidade é a falta da participação da família, que muitas vezes, repassa ao filho a visão de que precisa ir à escola por ser obrigatório, para permanecer com os ganhos secundários, sem real necessidade de ser agente e incluir-se no processo de ensino-aprendizagem.

Como uma constante tentativa de progresso, a escola está montando um projeto para arrecadar verba do governo a fim de realizar atividade de cunho social, trabalhar a perspectiva de vida do aluno, através de oficinas – jornais informativos que tragam os direitos da criança e do adolescente do município de Rio Negrinho, fugindo por instantes de temáticas sobre agressividade, roubos e mortes. Visam articular o trabalho com psicólogo e assistente social no trabalho de formação no contraturno, tratando sobre a perspectiva de vida, melhorando autoestima, trabalhando a valorização da vida diante das adversidades, entre outros. Dentro das informações prestadas sobre o projeto se espera que sejam estimulados a regra e os limites, possibilitando a sistematização do funcionamento da educação, responsabilização consciente e ativa.

Durante o transcorrer da entrevista, foi possível identificar que devido à vulnerabilidade e os estigmas sociais, os alunos possuem baixa autoestima, colocando descrédito nas atividades que são realizados por eles mesmos. A escola por sua vez busca se posicionar de forma a amenizar essas dificuldades, valorizando e elogiando os alunos a cada nova conquista com o intuito de reter os problemas e/ou diminuir danos.

Ao perguntarmos ao diretor sobre a visão que tem dos psicólogos dentro da escola, ele sugeriu que se pensasse em um tripé, visto que para ele as áreas de atuação do psicólogo se voltariam à Psicologia Organizacional, quanto à otimização de tempo, retenção de desperdícios, visto que nem todos os gestores têm conhecimento administrativo para proceder junto à escola. É citado por ele ainda que quem está à frente de um cargo de liderança, precisa entender a escola como uma empresa, que gerencia pessoas, trabalha com papel, com dinheiro, gastos básicos e necessários para escolas maiores. Conseguinte, destacou-se a necessidade de psicólogos para auxiliar em questões pedagógicas, voltadas principalmente aos alunos com dificuldades de aprendizagem, que gira em torno de 30 a 40 alunos. Pois, segundo o diretor, o professor não dispõe dos mesmos conhecimentos que os psicólogos, logo, os dois trabalhando juntos seria mais positivo e efetivo. Por fim, revela como importante o psicólogo para tratar do comportamento dos alunos, em especial a indisciplina, e o professor, que muitas vezes, é frustrado por não ter seus objetivos alcançados, até mesmo com relação às notas mínimas não alcançadas de prova, que são motivo para que sintam-se entristecidos com a situação. Segundo o diretor, fica difícil pedir ao professor que compreenda o aluno nas suas peculiaridades e subjetividade, pois muitas vezes essa ação representa que o diretor “está passando a mão na cabeça” (*sic*) do aluno.

Por meio do que fora abordado, torna-se possível verificar uma dificuldade ao realizar o diálogo entre a família, escola e alunos. Normalmente a acesso às informações é de um dos envolvidos, o que pode facilmente ser considerado como postura parcial do caso e situação apresentada. Com base nisso, La Taille e Oliveira corroboram ao descrever que:

> Nenhum dos participantes do diálogo necessita se descentrar: o coagido, porque lhe basta aceitar as ‘verdades’ impostas – portanto, sem fazer o esforço de verificar a partir de que perspectiva foram elaboradas [...] e a ‘autoridade’, porque nem precisa ouvir o outro, pois não lhe foi atribuída a

> tarefa de elaboração racional e de crítica (LA TAILLE; OLIVEIRA, 1992, p. 19).

Após ter propiciado um olhar mais amplo ao tratar da escola, os papéis/responsabilidades e desafios a serem enfrentados, o diretor mostrou-se disponível para realização de atividades posteriores junto à instituição e deixou os agradecimentos pelo trabalho executado, que segundo ele, instigou os alunos a pensarem mais a fundo a respeito dos motivos de ir para a escola, dando origem a um viés de novas possibilidades.

Contudo, frente ao que foi possível explanar sobre a educação, as necessidades de reavaliações e práticas diferenciadas e multidisciplinares para modificar as estruturas até então enrijecidas de um sistema em mal funcionamento, se torna necessário salientar que na prática "mesmo ideais aparentemente simples de serem definidos pedem muita reflexão para serem alcançados" (LA TAILLE; OLIVEIRA, 1992, p. 53). Destaca-se um movimento que deixa de ser estagnado, que parte da reflexão e ação para funcionar verdadeiramente. "O desafio, neste caso, se constitui na busca pela totalidade do fenômeno social, que, a cada momento pode nos revelar novas facetas" (NAAPA, 2016, p. 31).

Além do mais estamos a tratar de obras já "concretizadas" no sistema educacional que necessitam de reformas e melhorias. Um exemplo se refere ao fato de que como parte de seu funcionamento ainda os "exames constituem a melhor técnica de avaliar a aprendizagem e a competência" (JUSTO, 1973, p. 107). Sendo que "a criatividade pode desabrochar tão-somente num clima de liberdade" (LA TAILLE; OLIVEIRA, 1969, p. 163). Logo, se aberto a essas possibilidades, "ocorre a aprendizagem autêntica na medida em que o professor aceita o aluno tal qual ele é e lhe compreende os sentimentos" (LA TAILLE; OLIVEIRA, 1969, p. 163).

Quanto ao funcionamento atual da educação, Justo relata ainda que:

> Não obstante os congressos, os rótulos de 'escolas novas', publicações, leis e decretos anunciando novas eras na educação – na realidade pouco se transformou a escola. Os conteúdos se atualizaram; os livros didáticos têm, em geral, melhor apresentação...o método didático, porém, em grandes traços, é o mesmíssimo: um professor que fala, orienta, ensina – de umalado e, do outro, alunos que escutam, anotam para, oportunamente, reproduzir o mais exatamente possível o que foi ensinado (JUSTO, 1973, p. 105).

Adendo a isso e não menos importante, ao considerarmos a criança como um todo, incluindo aspectos sociais, familiares, culturais, econômicos entre outros, o entendimento quanto as suas resistências ao ir para escola e o mau ajustamento escolar se torna mais clarificado quanto ao possível reflexo das posturas da escola, dos métodos utilizados e das maneiras com que são passadas essas informações (SALK, 1972). As “normas culturais e papéis desempenhados por membros das comunidades ou representações de suas instituições, que mantém distintas situações do cotidiano devem ser conhecidas em profundidade” (NAAPA, 2016, p. 16).

Outro fator a ser considerado quanto à indisciplina destacada como uma das principais dificuldades do ensino, pode ser devido ao fato de que a criança “não estabeleceu mecanismo de controle interno sobre seu próprio comportamento” (SALK, 1972, p. 153). No entanto deve ser levado em consideração o processo de maturação do mesmo. O desenvolvimento progressivo do indivíduo se torna possível quando esse for aberto a experiência que nele se opera, a depender da relação que se estabelece quanto a autonomia (JUSTO, 1973).

Com base nas necessidades de melhorias acima mencionados, NAAPA destaca:

> Há, no entanto, a necessidade de se propor um modelo de formação e atuação do psicólogo mais próximo ao entendimento do papel do estado na vida em sociedade, das políticas econômicas [...] implantação e avaliação de políticas sócias e públicas que se propõe a produzir impacto sobre o cotidiano e a vida da população (NAAPA, 2016, p. 22).

Visto as possibilidades de mudança, NAAPA contribui ainda:

> Penso que há caminhos e há esperança se a escola puder refletir coletivamente sobre suas expectativas e idealizações – tanto em relação a si própria como aos seus alunos e às famílias deles –, sobre o que considera necessário para o seu bom desempenho, e abrir espaço para a realidade de vida de seus alunos e professores, tomando esta realidade como fonte de aprendizagem e conhecimento. Ou seja, se a escola tentar trabalhar a partir desta realidade e não apesar dela (NAAPA, 2016, p. 32).

Contudo, permanece aqui descrita minha esperança quanto às reestruturações no sistema, que por vez possa ser mais humanitária e empática, onde o coletivo opera em melhorias. Entretanto, destaco ainda a importância dos profissionais de Psicologia com os quais me identifico e desejo caminhar junto para

ser participante das transformações que transpassam o pessoal e perpassam o social, por terem via de regra uma visão ampliada e aprofundada sobre o ser humano.

REFERÊNCIAS

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 30 set. 2017.

JUSTO, I. H. **Carl Rogers:** teoria da personalidade: aprendizagem centrada no aluno. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris, 1973. 131 p.

LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K. **Piaget, Vygotsky, Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. 11. ed. São Paulo: Summus, 1992.

RANSCHINI, R.; VIANA, M. N. **Psicologia escolar:** que fazer é esse? Brasília: CFP, 2016.

SALK, L. **O que toda criança gostaria que seus pais soubessem:** para auxiliá-la nos problemas emocionais de sua vida cotidiana. 12.ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Núcleo de Apoio e Acompanhamento para Aprendizagem **Caderno de debates do NAAPA:** questões do cotidiano escolar. São Paulo: SME - COPED, 2016.

INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA NO MEIO ESCOLAR: MOTIVAÇÃO E VISÕES SOBRE OS PROBLEMAS NA EDUCAÇÃO

Alexandra Destri Bacic

O presente trabalho discorre, em um primeiro momento, sobre uma das práticas desenvolvidas pelos alunos do curso de Psicologia da Universidade do Contestado, campus Rio Negrinho/SC (UnC-RN). Tal prática teve início na 5ª fase do curso, com a disciplina de Assessoria Escolar, sob a orientação do professor Rafael Christofoletti, no primeiro semestre letivo do ano de 2017, com o intuito de promover intervenções no âmbito escolar, a fim de atender as demandas relacionadas às dificuldades dos jovens das escolas públicas da região do Planalto Norte de Santa Catarina – ou seja, nos municípios de Rio Negrinho, São Bento do Sul e Campo Alegre. Tais demandas referiam-se à motivação para a escola e correlações com o futuro profissional, automutilação e dificuldades na aprendizagem.

Das demandas citadas, será descrito aqui especificamente o trabalho realizado por um grupo de alunas acadêmicas que estiveram em uma escola pública no interior do estado de Santa Catarina: solicitou-se que fosse realizado um trabalho de motivação para a escola, ou seja, motivar os alunos adolescentes frequentadores do 7º e 8 º ano escolar a quererem ir à escola, por perceberem ali a correlação com os futuros profissionais.

No segundo momento, utilizando-se ainda destas intervenções, na 6ª fase do curso de Psicologia da UnC/RN o mesmo grupo de alunas retornou à escola, no segundo semestre letivo de 2017, com o objetivo de, através da disciplina de Psicologia Escolar, também ministrada pelo professor Rafael Christofoletti, entrevistar professores e diretoria, a fim de levantar questões relacionadas à intervenção realizada, à atuação do psicólogo na escola , ao que despertou a intervenção nos alunos, e sobre como a escola está lidando com as questões patologizantes apresentadas a ela.

Entendendo a Motivação

Diante desta demanda, coube ao grupo definir melhor o que se entende por motivação no âmbito escolar, e de que forma poderiam contribuir para esta motivação.

Segundo Barros (1998, p. 110), “Motivação da aprendizagem” significa causar ou produzir a aprendizagem, estimular o aluno, despertar interesse ou entusiasmo pela aprendizagem. A palavra “motivação”, ainda de acordo com Barros (1998), deriva de “motivo” que, na linguagem cotidiana, tem sentido de causa; em estudos realizados pela psicologia, porém, *motivo*, tem por finalidade determinar o porquê de nossas ações: usa-se a palavra *motivo* para referir-se ao comportamento humano. “Os motivos estão sempre dentro de cada pessoa, embora como que adormecidos. Há fatores temporários que tem o poder de faze-los se manifestarem” (BARROS, 1998, p. 112).

Segundo Barros (1998, p. 112), “incentivos” são fatores externos que têm o poder de despertar o *motivo*. Sendo assim, *motivo* é a força interna pertence a cada indivíduo, enquanto *incentivo* é a força externa capaz de despertar um motivo.

Para incentivar os jovens da respectiva escola, o trabalho foi baseado neste princípio descrito por Barros, que ainda afirma:

“Motivar o ensino é relacionar os trabalhos escolares aos desejos e necessidades do aluno. É apresentar ‘incentivos’ que despertem, na criança, certos motivos que a levaram a estudar” (BARROS, 1998, p. 113).

Segundo a diretora da escola, a maior necessidade seria incentivar os alunos a dar continuidade aos estudos e a ter a percepção da importância da escola para os sonhos futuros de cada um, além de demonstrar a eles que existem outras perspectivas para suas vidas.

Na visão da escola, justifica-se o desinteresse pelos estudos devido ao fato de ela se localizar no interior de Campo Alegre, os alunos morarem em localidades ainda mais distantes e dependerem de meios de transportes escolares e de condições de infraestrutura ruim. Além disso, os munícipes têm como principal atividade econômica atividades relacionadas à agricultura e à extração de madeira, gerando uma cultura de continuidade das atividades familiares; sendo assim, há pouco incentivo familiar para que os jovens estudem desenvolvam novas profissões. Por isso, muitos não mantêm sua assiduidade e muito menos o interesse em

continuar os estudos, que, após o nono ano, devem ter continuidade em outra comunidade e em escola estadual.

Trabalhando a Motivação

O grupo preocupou-se em preparar uma intervenção capaz de gerar incentivos que levassem os alunos a terem motivos para não somente irem à escola, mas terem vontade de estudar e dar continuidade aos estudos. Para isso, dever-se-ia realizar o que diz Asbahr (2011): "[...] ações geradoras de motivo de aprendizagem, são atividades que a princípio não correspondem diretamente a um ensinamento ao aluno, mas que levam a criança a aprender durante o processo" (ASBAHR, 2011).

O aluno normalmente começa a ação porque o professor mandou, mas o resultado somente será eficaz no decorrer da atividade, que vai gerando motivo genuíno de aprender – já que os motivos deixam de ser externos para se tornar motivos internos. O aluno passa a querer aprender porque percebe que vai se desenvolver durante o processo de execução da tarefa (ASBAHR, 2011).

Foram realizadas duas intervenções: a primeira, no período matutino, com os alunos de 7º e 8º anos e participação de 28 estudantes; já a segunda intervenção ocorreu no período vespertino, com alunos do 8º ano e a presença de 22 estudantes. Além dos alunos, estavam presentes no momento do trabalho a diretora da escola, a especialista em educação e os professores das classes participantes.

A conversa teve início com a apresentação do grupo de acadêmicas e o motivo pelo qual elas estavam na escola. Aos alunos foi possibilitado falar sobre como se sentiam por ir à escola todos os dias e o que poderia ser melhorado para que sentissem mais prazer por estar ali.

Poucos alunos se manifestaram, mas a maioria relatou melhorias na quadra de esportes, uso de celular em sala e não ter que levantar tão cedo – todos esses fatores externos a eles. Foram trazidas então as ações geradoras de motivo de aprendizagem, que foram algumas dinâmicas de grupo.

Primeiramente, foi realizada a *dinâmica dos sonhos*, que os levou a refletir sobre o que sonham para suas vidas pessoais e profissionais; esses sonhos deveriam ser desenhados em uma folha de papel, posteriormente comentados, caso desejassem, e por último dever-se-ia amassar a folha como se a fossem jogar no

lixo. Após discussão sobre o sentimento gerado em jogar seus sonhos no lixo, recebe-se a devolutiva do quão importante é cuidar dos sonhos, buscar formas de realizá-los, de não desperdiçar oportunidades e de não desistir. Para tal, é preciso passar pela escola, entender a importância de cada matéria lecionada na vida pessoal e profissional de cada indivíduo, e entender que os estudos são o caminho para a realização desses sonhos.

A segunda dinâmica veio para mostrar os medos, as dificuldades, as “curvas” e “quedas” da vida, mas com segurança; utilizou-se neste momento a *dinâmica da montanha russa*. Simulando-se estar andando em uma montanha russa, demonstra-se como funciona a vida e que a escola pode ser o “cinto de segurança” para que se possa seguir em frente e chegar aos objetivos com sucesso.

Dando continuidade, foi apresentado um vídeo motivacional com o objetivo de lhes incentivar a buscar sempre pelos seus sonhos – o que pode ser feito subindo-se um degrau de cada vez, mas ainda assim nos levando à realização dos objetivos.

Para finalizar, realizou se a dinâmica do *bis*: cada aluno foi levado a assumir o compromisso de estar na escola no ano seguinte, dando continuidade aos estudos que os levarão à concretização dos sonhos. Cada aluno escolheu um colega para lhe entregar um chocolate *Bis*, lhe desejar que fizesse *bis* nos estudos e que seguisse em frente.

As dinâmicas se desenvolveram na integração entre alunos, professores, diretora, especialista e grupo de alunas de psicologia. Este trabalho encerrou-se com a disciplina de Assessoria Escolar, conforme citado anteriormente.

Retorno à Escola

Já no segundo semestre de 2017, no decorrer da disciplina de Psicologia Escolar, na 6ª fase do curso de Psicologia, conforme já citado, o mesmo grupo de alunas retornou à escola em questão para avaliar o trabalho realizado anteriormente e conhecer a visão dos professores sobre a atuação psicológica nas escolas e sobre a patologização.

Para se levantar estas questões, utilizou-se de um questionário desenvolvido em sala de aula, em conjunto com todos os alunos, orientados pelo professor Rafael Christofoletti. A ferramenta continha as seguintes questões:

1. Como você vê a questão da motivação no contexto escolar?
2. Qual a sua avaliação da atividade desenvolvida na escola sobre o tema da motivação? Quais os pontos positivos e negativos?
3. Você teve algum retorno dos alunos ou da coordenação sobre a intervenção? Qual?
4. Quais os principais problemas da Educação na atualidade? E da Escola?
5. Você tem alguma proposta/sugestão de ação para solucionar esses problemas?
6. Sobre a psicologia e a educação: como a psicologia pode ajudar na escola?
7. Qual você acredita que deva ser a ação do estagiário de psicologia/psicólogo na escola?

Impressões dos Professores

Três professores foram entrevistados e responderam ao questionário dando suas impressões quanto à motivação, aos problemas na educação e à atuação do psicólogo/estagiário de psicologia na escola.

Para eles, alguns alunos têm vontade de estudar e outros não tem; no entanto, percebe-se que o aluno que tem a participação da família na vida escolar demonstra maior interesse pelos estudos. Para os professores, aproximadamente 30% dos alunos demonstram esse interesse no estudo, 20% levam os estudos como obrigação, e os outros 50% não se importam com os estudos. Para os professores, a motivação deve começar em casa, com a ajuda dos pais, que deveriam mostrar ao aluno a importância do estudo, lendo livros para os filhos etc.

Devido à timidez dos alunos, não se obteve muito retorno sobre a atividade realizada, mas percebeu-se que alguns alunos passaram a tentar recuperar suas notas após a intervenção. Pode-se dizer que a atividade fez os alunos pensarem um pouco mais sobre o que eles podem fazer para melhorar e buscar seus objetivos. Como sugestão, é importante que, durante a dinâmica, se faça com que cada aluno dê um *feedback* da atividade, e que não se deixe falarem espontaneamente; assim haveria mais uma oportunidade de reflexão.

Após a intervenção, os professores perceberam o interesse dos alunos pelas atividades; os próprios alunos sentiram que o assunto lhe era importante, porém não

souberam dizer se somente essa atividade foi responsável pela mudança de comportamento de alguns alunos, visto que outras atividades foram realizadas com o mesmo objetivo, mas acreditam ter contribuído bastante.

Ao falarem sobre os problemas da educação, os professores citam a falta de participação dos pais na escola e a consequente falta de cobrança nas tarefas de casa. Comentam que é importante deixar claro para o aluno que ele tem direitos, mas também deveres, e que ele deve se esforçar mais para estudar, pois esse é o agente para um futuro melhor.

É fundamental passar para o aluno a importância de cada disciplina, o âmbito em que ela será utilizada na vida; o professor deve demonstrar que sabe porque está ensinando cada matéria. Outra questão citada pelos professores é que os alunos têm recebido tudo muito pronto, não desenvolvem conhecimento.

Os professores citam as leis da educação como um dos principais problemas, que deixam os educadores limitados em suas ações. Os conteúdos impostos também são razão de desmotivação no aprendizado. Para melhorar esta situação, acreditam que, quando não se tiver um conteúdo tão engessado para ser seguido, quando o professor puder parar a sua aula naquele momento em que surge o questionamento, pegar aquele gancho e trabalhar num contexto grande para sanar as dúvidas, quando não houver uma meta de conteúdo a ser seguido, haverá bem menos “alunos-problema”. É preciso colocar o aluno no centro do processo. Também sugerem como melhoria o uso da tecnologia, para atrair mais a atenção dos alunos – que sentem necessidade de atividades diferentes e inovadoras.

Em se tratando da atuação da psicologia na escola, os professores acreditam que esta ciência pode ter grande participação, principalmente orientando os professores em como lidar com os alunos, principalmente quando estão deprimidos ou estressados; a psicologia pode auxiliar os professores na melhor forma de agir nas situações a serem enfrentadas; pode ajudá-los a entender como funciona a mente de cada aluno, e de que forma poderiam melhor atingi-los – e consequentemente obter melhores resultados.

Quanto à atuação do estagiário de psicologia/psicólogo na escola, os professores reforçam a importância da orientação em como se deve agir, com sugestões, exemplos de melhores formas de lidar com as situações e as pessoas. Além disso, o psicólogo pode ajudar os alunos na resolução de seus problemas.

Quanto à ação do estagiário de psicologia/psicólogo na escola, os professores anseiam pela orientação em como lidar com os alunos, como se comportar diante dos estudantes. Sugerem que o psicólogo/estagiário de psicologia frequentemente realize reuniões com os pais, alunos e professores, para orientação com diversos temas pertinentes à educação. As palestras motivacionais deveriam ser realizadas tanto com alunos quanto com professores. Além disso, acreditam que a motivação deve ser frequentemente alimentada, um pouco a cada dia.

Enquanto professores, sentem a necessidade de ter onde procurar orientação para saber como agir em determinadas situações. Preocupam-se por ter de procurar orientação na *internet*, e preferiam ter uma orientação de um profissional qualificado.

Ter um estagiário de psicologia na escola seria uma ponte para a busca de informações corretas sobre como agir, como se comportar e como entender o que está se passando com os alunos.

Considerações Finais

Percebe-se que o ponto mais citado como problema da Educação e falta de motivação dos alunos está ligado à não participação dos pais/da família na vida escolar do aluno e à forma como é imposta a educação no Brasil, com leis que não permitem a atuação livre e eficaz dos professores ao repassarem os conteúdos aos seus alunos.

Sabe-se que a tarefa de ensinar não está somente na responsabilidade do professor: o aluno não aprende somente na escola, mas também através da família, dos amigos, de pessoas que para ele são significativas, da mídia, no seu cotidiano. Mas é a escola que se apresenta como instituição social responsável pela educação sistemática dos indivíduos.

A motivação na aprendizagem está relacionada com momentos de mobilização que despertam a motivação para o aprender (ASBAHR, 2011).

Com as intervenções realizadas na escola Paulo Fukner, espera-se ter despertado nos alunos e professores a filosofia de que, segundo Asbahr (2011), o aluno quer aprender porque durante o processo de execução da tarefa ele percebe que vai se desenvolver.

A prática realizada na escola nos leva a crer, de acordo com Metzger (1996, p. 346-351 *apud* SANTROCK, 2010, p. 2), que “professores eficientes sabem que os

princípios da psicologia educacional e da pesquisa educacional irão ajudá-los a guiar a aprendizagem dos estudantes".

A motivação deve ser um processo que estimula, direciona e sustenta o comportamento (SANTROCK, 2010, p. 451). E todo esse processo sem sombra de dúvida deve ser trabalhado de forma interdisciplinar, ou seja, por pedagogos, psicólogos, psicopedagogos, pela família e pelos alunos; somente assim se alcançará o tão almejado sucesso escolar.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, F. S. F. Por que aprender isso, professora? Sentido pessoal e atividade de estudo na psicologia histórico-cultural. **Fala Doutor- UNIVESP TV**, São Paulo, 3 mar. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=elXYTDc6AVM>. Acesso em: 3 out. 2017.

BARROS, C. S. G. **Pontos de psicologia escolar**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1998.

SANTROCK, J. W. **Psicologia educacional**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PENSANDO A REALIDADE DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Jessica Borges Caikoski

Este relato traz a experiência de uma estudante de psicologia em uma entrevista com professores de uma escola pública da cidade de Rio Negrinho. Seu objetivo é apresentar a concepção dos professores entrevistados acerca da realidade na respectiva escola.

O trabalho surgiu com a proposta do professor Rafael Christofoletti, da Universidade do Contestado Campus Rio Negrinho, para a disciplina de Psicologia Escolar (sexta fase do curso) como continuidade a uma atividade de intervenção pontual que havíamos desenvolvido nas escolas no semestre anterior (quinta fase).

A primeira intervenção partiu da ideia do professor Rafael, que, juntamente com a coordenação do curso de psicologia, fez o primeiro contato com as escolas que concordaram em participar. A ideia era realizar uma intervenção pontual, com o objetivo de trabalhar uma demanda trazida pela escola. Os alunos foram divididos em subgrupos, sendo que cada subgrupo atuaria em uma escola. O grupo do qual participei teve cinco integrantes. Foi-nos solicitado que fizéssemos uma atividade para duas turmas de adolescentes do nono ano. O tema que a escola nos incumbiu de trabalhar foi “MOTIVAÇÃO – Porque ir à escola?”. A partir da temática proposta, nosso grupo se dividiu e pesquisou material adaptado para a faixa etária do público a quem se dirigia a intervenção. Não queríamos que nossa contribuição fosse mais uma palestra maçante, a que os adolescentes precisassem assistir calados e sem interação. Por isso, programamos dinâmicas e atividades com as quais todos os participantes teriam oportunidade de contribuir. Como a unidade escolar não dispunha de estrutura física (auditório, sala) para alojar duas turmas, a intervenção foi realizada no Centro de Excelência da cidade.

Chegado o dia marcado, estava ansiosa, pois nunca havia falado para um público tão grande (estavam programados 60 alunos, duas turmas). Já no local, começamos os preparativos, conferindo som, projeção etc., quando começamos a escutar barulhos e conversa de crianças na entrada. Elas entraram no auditório, acompanhadas das professoras responsáveis; eram crianças de oito ou nove anos. O professor Rafael, que estava supervisionando nosso trabalho, questionou se essa era a turma correta, pois o que estava combinado era aplicar a intervenção com

alunos dos nonos anos, na faixa etária de quatorze anos. As professoras confirmaram que a turma que estava presente era a programada para intervenção. Segundo elas, foram essas turmas que o diretor havia confirmado. Diante disso, tivemos que adaptar todas as atividades para a faixa etária do novo público. As crianças foram muito participativas, demonstraram se sentir acolhidas e contentes: tiveram a oportunidade de falar o que pensam e participar de uma atividade mais dinâmica, que foge um pouco da rotina da sala de aula. A troca das turmas nos levantou questionamentos sobre o que poderia ter ocorrido, e sobre onde houve a falha na comunicação.

O professor Rafael nos propôs retornar à escola para entrevistar as professoras das turmas com as quais havíamos trabalhado. Deveríamos contatar a escola para agendar esse retorno, mas tivemos muita dificuldade para estabelecer contato e marcar a entrevista. Nossas ligações não eram facilmente atendidas; quando sim, se propunham a nos retornar, porém não o faziam. Um integrante da nossa equipe se deslocou até a escola no dia 19 de setembro de 2017 e conseguiu conversar com o diretor e marcar as entrevistas para o período da tarde. Dando continuidade à primeira intervenção realizada, retornamos à escola nesta data, buscando um *feedback* dos impactos da nossa atuação e levantando opiniões e questões a respeito da escola.

Já na escola, nos comunicaram que apenas uma das professoras que acompanhou nossa atividade estava presente. Fomos levados até a sala dos professores e realizamos a entrevista com ela. Na sala havia mais professores; a conversa e a falta de privacidade não propiciaram um ambiente ideal para a entrevista. Por fim, o resultado foi favorável, pois outra professora (que será retratada aqui sob o nome fictício de Janete, para preservação da identidade) estava presente, ouvindo os questionamentos, e se dispôs a nos fornecer uma entrevista também, expondo sua opinião.

A professora da turma com a qual atuamos (que será tratada aqui sob o nome fictício de Maria) nos revelou o impacto positivo que nossa intervenção teve com os alunos; relatou que deu continuidade ao tema “motivação”, realizando aulas na sala de informática, onde os alunos pesquisaram sobre profissões. Segundo ela, os alunos ficaram muito satisfeitos com o encontro, e isso repercutiu na sala de aula.

Evasão escolar

Conforme o que Maria e Janete relataram, há muitas reprovações e desistências nesta escola, por isso o tema escolhido para nossa intervenção foi o de motivação. Segundo as professoras, muitos alunos desistem antes de chegar ao ensino médio e não têm muitas perspectivas para o futuro.

Janete, que leciona para adolescentes, nos conta sobre as dificuldades enfrentadas em sala de aula, que manifestam problemas sociais e da comunidade. Fala sobre uma estudante que pratica automutilação; conta também que uma de suas alunas adolescentes está grávida, e seu rendimento escolar tem caído muito; diz que já houve outros casos de gravidez na escola. Fica evidente, pelo seu discurso, a preocupação com os alunos e as tentativas de achar formas para lidar com estas situações.

Através das falas das professoras pudemos perceber também o estigma que esta comunidade carrega.

Responsabilização parental

Quando questionadas sobre os principais problemas da educação na atualidade, ambas as professoras colocaram as dificuldades encontradas dentro da sala de aula. Falaram sobre a falta de educação dos alunos com relação a princípios e valores que, segundo elas, deveriam vir de casa.

Maria diz que na escola deveriam ser ensinados apenas os conteúdos pertinentes às matérias. Atribui a culpa dos problemas com rendimento escolar à família. Segundo ela, quando os pais dos alunos com dificuldades são solicitados a comparecer na escola, dificilmente aparecem.

Ambas as professoras entrevistadas colocam sua opinião de que a família delega à escola a obrigação de educar seus filhos, que os valores que deveriam ser ensinados em casa não o são. Elas afirmam que com o trabalho os pais terceirizam a educação dos filhos, pois passam pouco tempo com as crianças.

> Pais ausentes são percebidos pela escola como displicentes, negligentes ou incapazes de acompanhar seus filhos, quando sabemos que, muitas vezes, a ausência advém de impossibilidades concretas de comparecimento à escola. A pobreza, em alguns casos, é percebida como incapacitante ou associada à ‘falta de interesse pela escola’ enquanto o não comparecimento

> é percebido como obstáculo à intervenção dos profissionais da escola sobre os 'casos' em questão (OLIVEIRA, 2016, p. 29).

É comum a escola responsabilizar as vítimas sociais, pais pobres, não instruídos, que muitas vezes trabalham o dia inteiro para sustentar os filhos e não têm possibilidade de sair do trabalho para comparecer na escola. São questões de ordem social envolvendo desigualdades, pobreza e preconceito – realidade presente nesta comunidade.

Indisciplina: manifestando um sintoma

Janete, a segunda professora entrevistada que se disponibilizou a nos fornecer sua opinião, fala que a indisciplina é um grande problema enfrentado dentro da sala de aula. Ela leciona para adolescentes. A adolescência é caracterizada por ser uma fase bem turbulenta do desenvolvimento, na qual o indivíduo busca sua autoafirmação e construção da sua identidade. Dentro da escola e no contexto familiar costuma ser um período conflituoso. A escola deveria propiciar um ambiente acolhedor e respeitar a subjetividade do adolescente. Segundo Oliveira (2016, p. 31), "As salas de aula são espaços plurais, de produção, transmissão e circulação de conhecimentos e modos de estar no mundo e é a partir dessa sua configuração concreta que é necessário discutir os problemas que as atingem".

Quando se fala em indisciplina dentro do contexto escolar, levantamos questionamentos sobre as formas de ensino atuais e as perspectivas idealizadas pelos professores. Os estudantes estão inseridos em estruturas de ensino-aprendizagem que repetem padrões de séculos atrás, que colocam os alunos como depósitos de conhecimento e pressionam os professores a passar todo o conteúdo planejado. Espera-se que os estudantes pouco se posicionem, pouco questionem, e que aceitem as formas de ensino que lhes são impostas.

> Não é nada fácil enfrentar diariamente uma turma de 30, 40 crianças dentro de uma sala em geral pouco convidativa, em que mais se empilham do que transitam. E se neste espaço de tantas diferenças se quiser a atenção centrada de todos sobre um mesmo objeto, o fracasso aparecerá na forma da indisciplina, da balbúrdia, do desrespeito por si e pelos outros (LAURINDO; GERALDI, 2016, p. 150).

O professor da escola pública enfrenta uma batalha diária, tendo que lidar com inúmeras subjetividades dentro da sala de aula, adaptar os conteúdos, seguir cronogramas e políticas que lhe são impostas, lidar com a falta de materiais, e ainda trabalhar as manifestações da carência social e desigualdade dentro da turma.

> A escola pública não atende a classes homogêneas. A vida oferece excessos de informações a todos, e neste contexto não se pode imaginar que todos, mesmo pertencendo a uma mesma classe social e morando em um mesmo bairro, tenham os mesmos acessos aos bens culturais. Ao contrário, convivemos com a diferença. E infelizmente também com a desigualdade, uma construção social das mais perversas (LAURINDO; GERALDI, 2016, p. 150).

Concordamos com Oliveira (2016, p. 29), quando coloca que:

> Precisamos pensar os modos plurais de estar no mundo como riqueza, que traz para a escola múltiplos conhecimentos que, enredados uns aos outros, podem ampliar interesses, repertórios e aprendizagens, contribuindo para minimizar, em muitos casos, os chamados distúrbios de comportamento.

A escola precisa ser um lugar de diversidade e democracia, que permita a diferença, onde se estabeleça o mútuo respeito entre os professores e os alunos. As manifestações de indisciplina devem ser interpretadas e investigadas, pois geralmente apontam sintomas sociais, familiares, problemas políticos institucionais ou didáticos.

Perspectiva dos professores sobre o papel do psicólogo na escola

Quando questionamos a professora Maria sobre como a psicologia poderia ajudar na escola, ela responde que poderia auxiliar estes alunos com dificuldades de aprendizagem e comportamento, e encaminhá-los para outras áreas da medicina. Segundo a percepção dela, o estagiário trabalharia individualmente com os alunos que apresentassem problemas de aprendizagem e comportamento.

A fala dela levanta uma visão comum entre os professores sobre a atuação do psicólogo escolar, o que abre espaço para um viés medicalizante. As dificuldades de aprendizagem geralmente são produtos do modo de organização institucional e política das escolas, envolvendo didáticas ultrapassadas e políticas excludentes que não toleram o diferente. Tem-se utilizado uma forma de mascarar os problemas da

escola, jogando a carga (culpa) do não aprender em cima da “criança problema” estigmatizando e medicalizando o ensino.

O psicólogo escolar é um profissional imprescindível dentro da instituição escolar. Porém deve-se estar atento ao papel que desempenhará, e de que forma atuará, para que ele não sirva como mais um instrumento de discriminação, gerando preconceito através de testes psicológicos e diagnósticos que estigmatizam e atribuem rótulos às crianças. É importante considerar o sujeito em suas relações, atentando a fatores históricos políticos e sociais.

Considerações Finais

Esta pesquisa possibilitou descobertas a respeito da realidade de um ambiente escolar, sobre a condição da comunidade em que ele está inserido, a relação da escola com a família e as perspectivas dos professores com referência ao estagiário de psicologia.

Como entrevistadora, experienciei o acolhimento das professoras entrevistadas, e a necessidade delas em construir arranjos que resultem em melhorias na escola. Pude ter uma noção das expectativas que os professores atribuem ao estagiário de psicologia escolar. Como soluções milagrosas não são reais, tenho a percepção de que no campo da educação nos aguardam grandes desafios.

No papel de estudante de psicologia e futura psicóloga, cabe a mim refletir as formas de atuação (que não são neutras, mas envolvem uma dimensão política) a desempenhar em minhas práticas. Uma escola melhor só pode ser construída com base em muita reflexão e um papel ativo de alunos professores e profissionais comprometidos. Uma escola democrática e bem constituída é o alicerce para uma sociedade mais igualitária.

REFERÊNCIAS

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. Diversidade 76: medicalização na aprendizagem. **TV PUC**. 2014. São Paulo Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=dy9WEx6nI6M>. Acesso em: 26 set. 2017.

LAURINDO, T. R.; GERALDI, J. W. Apropriação da escrita: um direito de todos. In: **Caderno de debates do NAAPA**: questões do cotidiano escolar. São Paulo: SME/COPED, 2016.

OLIVEIRA, I. B. Cotidiano da sala de aula: compreendendo e enfrentando problemas e buscando soluções. In: **Caderno de debates do NAAPA**: questões do cotidiano escolar. São Paulo: SME/COPED, 2016.

PSICOLOGIA, EXPERIÊNCIA E ESCOLA:
IMPRESSÕES SOBRE UMA INTERVENÇÃO NO ALTO VALE DO RIO NEGRO (SC)

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-63671-86-8
9 788563 671868